



CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**As redes sociais on-line nos Blogs e sua relação com a
comunicação.**

Cleber Matos de Moraes

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo C. Cunha Filho.

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Programa de Pós-graduação em Comunicação

As redes sociais *on-line* nos *Blogs* e sua relação com a comunicação.

Cleber Matos de Moraes

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós Graduação em
Comunicação da Universidade
Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Comunicação,
sob a orientação do Prof. Dr.
Paulo Carneiro da Cunha Filho

Recife, Junho de 2006

Morais, Cleber Matos de

As redes sociais on-line nos Blogs e sua relação com a comunicação / Cleber Matos de Moraes. – Recife : O Autor, 2006.

87 folhas : il., fig., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Comunicação, 2006.

Inclui bibliografia.

1. Comunicação – Redes sociais – Comunicação *on-line*. 2. Relacionamentos – Troca de informações. 3. *Blogs* – Circulação da informação – Interconectividade. I. Título.

316.772.5
302.231

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

UFPE
BC2006 – 512

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor do Trabalho: Cleber Matos de Moraes

Título: As Redes Sociais on-line nos Blogs e sua relação com a Comunicação

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Carneiro da Cunha Filho.

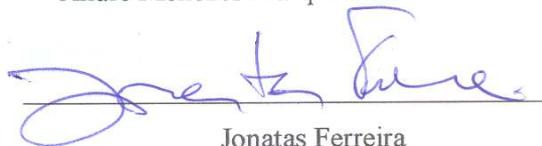
Banca Examinadora:



Paulo Carneiro da Cunha Filho



André Menezes Marques das Neves



Jonatas Ferreira

Recife, 29 de junho de 2006.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

Para Anjo.

Agradecimentos

Agradeço à grande força controladora do universo por sempre fazer as coisas tomarem um caminho quando tudo parece perdido. Quem sou eu para julgar os caminhos?

Agradeço à minha esposa Angélica pela paciência, tolerância, pelos cafés-com-leite e pelos puxões de orelha de quando em vez para me fazer acordar.

Agradeço a Gandhi Retriever por raros momentos de alívio e satisfação que me trazia nos momentos mais conturbados. Até mesmo sua insistência para passear me ajudou neste trabalho.

Agradeço a minha família – papai, mainha, meu irmão, vovó e Dora – pela sempre presença e apoio. Ao meu irmão, em especial, por também ter o poder de me tirar das abstrações para conversas humanas de ótimo nível.

Agradeço aos meus amigos, todos, pela paciência e tolerância nestes momentos de solidão dissertativa. Em especial aos Barattas que, de quando em vez, me tiravam da rotina para fazer alguma coisa. Também, especialmente, a Nilson “Nixxon” e Bernado “Garou”: este, por me seqüestrar em alguns momentos para a vida e aquele por excelentes conversas quando passeando com Gandhi.

Agradeço ao meu orientador Paulo Cunha por ter paciência de tolerar minha escrita telegráfica e por ter aceitado o projeto desta dissertação. Também ao pessoal do Kimera pelo contato com esta área que tanto me seduz. Sem este contato, com certeza não estaria escrevendo estas páginas.

Agradeço aos professores Dacier Barros e Dirceu Tavares. Dacier, pelas excelentes conversas e por ser, diretamente, um dos responsáveis pela minha postura acadêmica desde o 5º período da graduação. Dirceu, por ser um grande amigo e profundo acadêmico, além de modelo de professor que eu quero ser quando crescer.

Agradeço ao pessoal do Sango Dojo pelo *keikos* revigorantes no final de semana. Um destaque especial para Gustavo-sensei, pela paciência de tolerar um aluno “alternativo” (alterna entre vir e não).

Por fim, um agradecimento genérico –mas não menos importante – para todos que, direta ou indiretamente ajudaram-me neste trabalho. Obrigado.

Resumo

MORAIS, Cleber M. As redes sociais *on-line* nos *Blogs* e sua relação com a comunicação, 2006. Dissertação (Mestrado) Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006).

Este trabalho objetiva analisar como as redes sociais *on-line* presentes nos *blogs* podem estabelecer relações de mídia para a comunicação. Substitui-se o conceito de comunidades virtuais pelo de redes sociais *on-line*, pois estas podem representar melhor os agrupamentos sociais que acontecem na Internet. Foi escolhida a abordagem de mídia de McLuhan para entender o impacto da modificação no meio para a comunicação, pois esta visão se concentra no impacto que a modificação de um meio causa na cognição dos seres humanos. O objeto de estudo selecionado como mídia foi a ferramenta de *blog*. Como amostra da análise, foram escolhidos seis temas comuns na Internet e, a partir destes, foi definido um *blog* que o representasse. A partir deste *blog* representativo, foram traçadas as redes de *links* para outros *blogs* até um segundo nível. Em seguida, foi criado um modelo de tríades para interpretação das redes, fundamental para entender as reconfigurações dos laços na rede *on-line* com a comunicação. Como resultados da análise, foi delimitado qual a importância dos laços para a comunicação: o poder de interconectividade das redes; como esta interconectividade depende dos tipos de nós entre as redes; e uma proposição de uma ferramenta de análise do fluxo da informação.

Palavras-chave: Comunicação *on-line*, redes sociais, Internet.

Abstract

This work aims to analyze how blog's on-line social networks can establish media relationship to communication science. The virtual communities concept was replaced by the on-line social networks due to the better understanding of the on-line groups on Internet by the social network analysis. The McLuhan's media perspective was used to understand the communication impact caused in the human cognition by the media modification. The blog tool was selected as media object to be interpreted in this work. Six blog's themes were selected as work's starting samples. After that root blog, using their links as forms of connection, there were build a network with all blogs that have a link from the root up to the sub-child level. Then a triad's interpretation model was defined to understand how the reconfiguration of ties could change the communication process. As analysis results it was defined the role of the ties for the communication process, the network's interconnection power, how the interconnectivity vary according to the tie's kind used in the network connection and a proposal of a social traceroute to analyze the information flux.

Keywords: on-line communication, social networks, Internet.

Índice de Figuras

Figura 1: Primeiro Post do Kibeloco sobre a votação. Disponível em < http://kibeloco.blogspot.com/2006_01_01_kibeloco_archive.html >	13
Figura 2: Segundo comentário sobre a votação. Disponível em < http://kibeloco.blogspot.com/2006_01_08_kibeloco_archive.html >	14
Figura 3: Resultado da enquete do jornal <i>La Nación</i>	15
Figura 4: Camadas de Rede.	21
Figura 5: Cálculo da densidade nas redes sociais.	27
Figura 6: Exemplo de Rede Social.	28
Figura 7: Tela do NetDraw.	30
Figura 8: <i>Blog</i> Danielsantos.org.	33
Figura 9: <i>Blog</i> aliaolado.blogspot.com.	34
Figura 10: <i>Blog</i> sexoverdade.blogspot.com.	35
Figura 11: <i>Blog</i> golblogfc.blogspot.com.....	36
Figura 12: <i>Blog</i> nemersonlavoura.blogspot.com.....	37
Figura 13: <i>Blog</i> garotanaweb.blogspot.com.....	38
Figura 14: Ordem e tamanho da análise.	39
Figura 15: Rede do <i>blog</i> http://danielsantos.org com 883 nós. Cada ponto vermelho representa um <i>blog</i>	40
Figura 16: Rede do <i>blog</i> http://aliaolado.blogspot.com com 2870 nós.	41
Figura 17: Rede do <i>blog</i> http://golblogfc.blogspot.com com 447 nós.	41
Figura 18: Rede do <i>blog</i> http://nemersonlavoura.blogspot.com com 1462 nós.	42
Figura 19: Rede do <i>blog</i> http://sexoverdade.blogspot.com com 297 nós.....	42
Figura 20: Rede do <i>blog</i> http://garotanaweb.blogspot.com com 582 nós.	43
Figura 21: <i>Egonet</i> do <i>blog</i> Danielsantos.org com 29 nós.	44
Figura 22: <i>Egonet</i> do <i>blog</i> Aliaolado.blogspot.com com 45 nós.	45
Figura 23: <i>Egonet</i> do <i>blog</i> Golblogfc.blogspot.com com 22 nós.	45
Figura 24: <i>Egonet</i> do <i>blog</i> Nemersonlavoura.blogspot.com com 88 nós.	46
Figura 25: <i>Egonet</i> do <i>blog</i> Sexoverdade.blogspot.com com 29 nós.	47
Figura 26: <i>Egonet</i> do <i>blog</i> Garotanaweb.blogspot.com com 20 nós.	47
Figura 27: <i>Socionet</i> do <i>blog</i> danielsantos.org. Um <i>blog</i> isolado.	48
Figura 28: <i>Socionet</i> do <i>blog</i> aliaolado.blogspot.com. Três <i>blogs</i> isolados.	49
Figura 29: <i>Socionet</i> do <i>blog</i> golblogfc.blogspot.com. Dois <i>blogs</i> isolados.....	49

Figura 30: <i>Socionet</i> do <i>blog</i> nemersonlavoura.blogspot.com. Seis <i>blogs</i> isolados.	50
Figura 31: <i>Socionet</i> do <i>blog</i> sexoverdade.blogspot.com. Nove <i>blogs</i> isolados.....	50
Figura 32: <i>Socionet</i> do <i>blog</i> garotanaweb.blogspot.com. 4 <i>blogs</i> isolados.	51
Figura 33: Relação proporcional <i>Socionet</i> - <i>Egonet</i> encontrada dos <i>blogs</i> analisados por temática conseguida pela relação entre os isolados e o total de nós na rede.....	51
Figura 34: Tipos de conexões possíveis numa rede de <i>blogs</i>	52
Figura 35: Relação dos componentes do GRP.	55
Figura 36: A escala de tamanho das audiências. A direta é a maior de todas para o mesmo <i>blog</i>	56
Figura 37: Quadro com análises de audiência de acordo com a estrutura.	58
Figura 38: Grupo A. Como todos os critérios presentes.....	62
Figura 39: Grupo B. Fluxo Forte e a Força dos Laços Fracos (SWT).....	63
Figura 40: Grupo C. Fluxo Forte e Reciprocidade.....	64
Figura 41: Grupo D. Fluxo Forte apenas.....	64
Figura 42: Grupo E. Fluxo Fraco apenas.....	65
Figura 43: Todas as redes juntas em uma análise.	66
Figura 44: Inter-relação religião e política.....	68
Figura 45: Inter-relação religião e tecnologia.....	69
Figura 46: Inter-relação Religião e Diários Pessoais.....	69
Figura 47: Inter-relação Religião e Sexo	70
Figura 48: Inter-relação Religião e Futebol.....	71
Figura 49: Inter-relação Política e Tecnologia	71
Figura 50: Inter-relação Política e Diários Pessoais.....	72
Figura 51: Inter-relação Política e Futebol	73
Figura 52: Inter-relação Política e Sexo.	74
Figura 53: Inter-relação Tecnologia e Futebol.....	75
Figura 54: Inter-relação Tecnologia e Sexo.	75
Figura 55: Inter-relação Tecnologia e Diários Pessoais.....	76
Figura 56: Inter-relação Futebol e Sexo.....	77
Figura 57: Inter-relação Futebol e Diários Pessoais.	77
Figura 58: Inter-relação Sexo e Diários Pessoais.....	78
Figura 59: Resumo das inter-relações entre as redes. O <i>blog</i> de futebol ficou isolado por não possuir um caminho com nenhum <i>blog</i>	79

Índice de Tabelas

Tabela 1: Quantidade de blogs comuns entre as redes.....	59
Tabela 2: Fluxo, Força dos Laços Fracos (SWT) e Reciprocidade.....	62

Sumário

Resumo	VII
Abstract.....	VIII
Índice de Figuras	IX
Sumário.....	XII
1. Introdução	13
1.1 Comunicação	18
1.2 Internet.....	21
1.2.1 HTTP e Hipertexto	22
1.3 Redes sociais	24
2. Metodologia.....	29
2.1 NetDraw.....	29
2.2 Blog.....	30
2.2.1 Características	30
2.2.2 Temáticas	32
2.2.3 Tamanho da análise	38
2.2.4 Análise	43
3. Resultados da análise	60
3.1 A importância dos laços para a comunicação: Ponderações	60
3.2 Alcance e Interconectividade	65
3.3 Traceroute Social On-line	79
4. Conclusão	81
5. Considerações Finais	84
6. Bibliografia	85

1. Introdução

Em janeiro de 2006, aconteceu um fenômeno na Internet brasileira. O jornal *La Nación* da Argentina promoveu uma enquete para saber qual a seleção favorita para vencer a Copa do Mundo de 2006 (http://www.lanacion.com.ar/deportiva/topten.asp?tema_id=27¬a_id=769333&origen=ranking). Foram propostos cinco candidatos: Alemanha, Argentina, Brasil, Inglaterra e Itália. O blog <http://kibeloco.blogspot.com>, voltado para comentários humorísticos de notícias de jornais, ao saber de tal enquete, realizou a seguinte publicação:

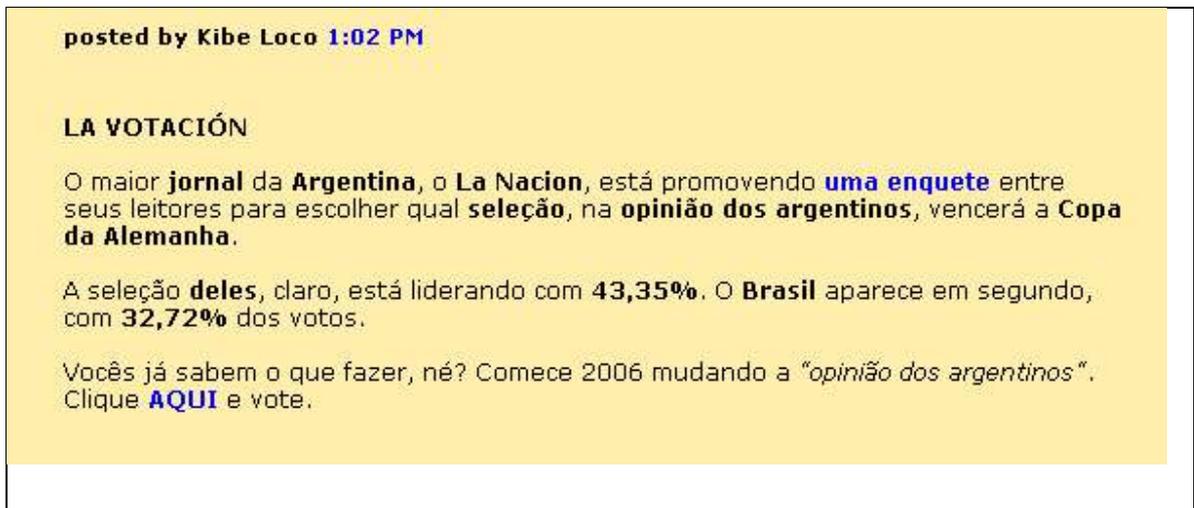


Figura 1: Primeiro Post do Kibeloco sobre a votação. Disponível em <http://kibeloco.blogspot.com/2006_01_01_kibeloco_archive.html>

O blog Kibeloco tem em torno de cem mil visitas por dia. Dois dias depois, foi publicada no site uma mudança de colocação. Em dois dias, a votação já teria seus números mudados, favorecendo o Brasil. Mas não parou por aí. A votação continuou. A Argentina foi para última colocação e o Brasil, para a primeira. Observando a Figura 2, vemos que a enquete teve 17.483 votantes até o dia 9/01/2006. No final da votação, foram contabilizados 691.873 votos:

LA VOTACIÓN (PARTE 2)

Lembram **daquela enquete** promovida pelo maior jornal da **Argentina**, o **La Nacion**?

Pois bem, quando **publiquei aqui**, a **seleção argentina** era a favorita para vencer a **Copa do Mundo** com **43,35%** do votos. O **Brasil** aparecia em segundo, com **32,72%**.

Graças a **vocês**, os números de agora são os seguintes:



*Falem a verdade. Nada melhor num ano de Copa do Mundo que contar com o "apoio" de nossos **hermanos**, não?*

PS - É impressão minha ou talvez seja hora de começar a votar na **Alemanha**?

posted by Kibe Loco 4:43 AM

Figura 2: Segundo comentário sobre a votação. Disponível em <http://kibeloco.blogspot.com/2006_01_08_kibeloco_archive.html>

Deportiva | 02.01.2006 al 10.01.2006 | 691873 votos

¿Cuál de los siguientes candidatos considera que ganará el Mundial?



Copyright 2006 SA LA NACION | Todos los derechos reservados

cerrar

Figura 3: Resultado da enquete do jornal *La Nación*.

(http://comunidad.lanacion.com.ar/encuestas/encuestagracias.asp?encuesta_id=2134)

O primeiro *post* nesse *blog* desencadeou uma reação da sua audiência numa escala inimaginável. Em poucos dias, a enquete foi revertida. Outros *blogs* aderiram a campanha – como <http://putaqueopariu.com.br/blog/2006/01/faa-uma-boa-ao.html> –, além de uma corrente de *e-mail* com o *link* para a votação. Mesmo com a enquete fechada pelo jornal, ainda é possível votar pelos *links* dos *blogs*.

Se compararmos as imagens dos resultados do segundo dia -- quando foi publicado no Kibeloco a vitória do Brasil -- com o final da votação, veremos uma diferença de mais de 670 mil votos. Claro que esses votos não são únicos; uma pessoa pode ter votado inúmeras vezes, mas como chegar a um número tão expressivo? O que faz um *blog* poder articular tantas pessoas para um objetivo?

Quais estratégias existem para difusão de informações num *blog*? Qual a relação entre um *blog* e sua cadeia de leitores que também têm *blog*? Qual a importância deste modelo de troca de informação para a comunicação?

O objetivo inicial desta pesquisa era investigar como a comunicação acontece em comunidades virtuais. No entanto, quando me deparei com a literatura sobre essas formações *on-line*, vi que os objetos não permitiam que o chamassem de comunidades. Existiam e não existiam comunidades. Em dados momentos, podia dizer que existia uma comunidade, mas um mês depois não havia nenhum vestígio. Ou existiam lampejos de comunidade num mar de marasmo. Como diria Rheingold (1999) em um dos seus artigos: comunidades virtuais deveriam ser chamadas de "form relationships and groups that resemble community in some important ways but differ in others"¹.

Na literatura surgiu o conceito de redes sociais, que trata da relação dos indivíduos numa estrutura relacional. Essas relações podem ser ponderadas. Assim, comunidades poderiam significar redes sociais em vários aspectos (mais ou menos próximas, por exemplo).

Uma segunda preocupação desta análise é a relação da Internet com a comunicação. A noção de Internet como mídia sempre existe em vários aspectos diferentes. Por isto, foi importante definir como este trabalho interpreta essa relação. Os teóricos que estudam as mídias em si não são tão comuns. A grande maioria estuda os impactos da comunicação. A opção para tratar a relação do usuário com a interface se volta para observar se ambos compõem mídias para a comunicação e qual o resultado da percepção destas ferramentas como canal. Assim, este estudo se aproxima mais da parte cognitiva da comunicação e das teorias da informação.

Para perceber como a comunicação muda com as expressões da Internet e a fim de traçar horizontalmente uma relação entre os temas para a comunicação, achei apropriado analisar um objeto em seis formas distintas de temática. O *blog* surgiu como uma alternativa da WWW (World-Wide Web, rede mundiais de computadores) para um estudo de uma "comunidade invisível": fala-se muito dos

¹ Tradução: "Relações formais e grupos que lembram comunidades em alguns modos importantes mas diferem em outros".

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

blogs por causa do seu caráter “jornalístico”, mas pouco se fala das pessoas que lêem e fazem um público-comunidade deles. *A priori* os *blogs* não possuem uma ferramenta que gere comunidades, no entanto comunidades são criadas através de comentários e *links*.

O que se espera encontrar é uma relação entre as formas sociais e as trocas de informações – porque não ousar dizer relações de mídia? – no suporte da Internet. O fato de os *blogs* construírem uma rede de pessoas que trocam, circulam, comentam, constroem e destroem informação com suporte da Internet pode ser uma oportunidade para a ciência da comunicação perceber a existência de um fluxo de informação em grande escala entre as pessoas com suporte dos computadores.

1.1 Comunicação

Um dos primeiros modelos estruturados de comunicação é o desenvolvido por Laswell. O modelo de Laswell (WOLF,2003) vinha para superar a teoria hipodérmica – que acreditava na eficácia constante de qualquer mensagem emitida pela mídia –, trazendo mais elementos para o processo de comunicação. O processo é dividido em cinco partes: Quem; diz o quê; através de que canal; para quem; com que efeito. Assim, o processo de comunicação poderia ser percebido em cada uma das variáveis:

“A primeira caracteriza o estudo dos emissores, ou seja, a análise do controlo sobre o que é difundido. Quem, por sua vez, estudar a segunda variável, elabora a análise do conteúdo das mensagens, enquanto o estudo da terceira variável dá lugar à análise dos meios. Análises da audiência e dos efeitos definem os restantes sectores de investigação sobre os processos comunicativos de massas”.(WOLF,2003:26)

Este modelo, segundo o próprio Laswell, é definido como assimétrico, pois o emissor é dado como “ativo” e ao receptor é atribuída a característica de “passivo”. Surge a primeira preocupação com o meio, quer dizer, como a mensagem é “transportada” até o receptor.

Um segundo momento em que o canal foi valorizado novamente foi com a teoria da informação de Shannon-Weaver. No entanto, a questão prevalecia mais no código do que no canal, em si, para gerar um código com o mínimo de ruído possível. Assim, a comunicação poderia ser mais efetiva se o código fosse menos suscetível a ruídos e o receptor compartilhasse do mesmo código.

Uma das conseqüências dessa postura é a supremacia da codificação da informação e a irrelevância do significado para a comunicação. Os autores esclarecem em sua apresentação, o tema da informação:

“The Word information, in this theory, is used in a special sense that must not be confused with the ordinary usage. In particular, information must not be confused with meaning.(...)”

The concept of information applies not to the individual messages (as the concept of meaning would), but rather to the situation as a whole, the unit information indicating that in this situation one has an amount of freedom of choice, in selecting a message, which it is convenient to regard as a standart or unit amount".(SHANNON e WEAVER,1998[1949]:8-9)²

O que realmente importava é como a informação, segundo os próprios conceitos dos autores, tramita e quanto dela se perde em ruído, sendo necessária uma melhor codificação para diminuir as interferências na instância inicial, que também reflete nas outras.

Outro teórico que direcionou parte do seu trabalho para o estudo dos canais de comunicação foi Marshall McLuhan, famoso por ter cunhado a frase "o meio é a mensagem". A preocupação de McLuhan com esta frase está no fato de que cada meio novo – ou "qualquer uma das extensões de nós mesmos" (McLuhan, [1964]2002:21) – traz uma nova forma de interação para o indivíduo: "Todos os meios são metáforas ativas em seu poder de traduzir a experiência em novas formas". Assim:

"Its fundamental meaning that our use of any communications medium has an impact far greater than the given content of any communications, or what that medium may convey—for example, that the process of watching television has a more significant influence upon our lives than the specific program or content that we watch, or the act of talking on the phone has been more revolutionary in human affairs than most things said on the phone—has been well

² Tradução:" A palavra informação, nesta teoria, é usada em um sentido especial que não deve ser confundido com o uso comum. Em particular, informação não deve ser confundida com sentido(...). O Conceito de informação se aplica não a mensagens individuais (como o conceito de sentido faria), mas sim na situação como um todo, a unidade de informação indicando que nessa situação alguém tem uma quantidade de liberdade de escolha para selecionar uma mensagem, que é adequada considerar como padrão ou unidade básica".

understood in general, and aptly recognized as the flagstone in McLuhan's path to understanding media" (Levinson, 1999:35).³

McLuhan direciona seu trabalho para ressaltar a força dos meios e sua participação na vida dos que usam a mídia, não somente restrito ao problema do código ou recepção de conteúdo. É essencialmente uma abordagem cognitivista, que pensa como o indivíduo interage sensorialmente com uma mídia: "McLuhan's argument primarily concerned the impact of media technology on the human sensorium"⁴(CZITROM, 1982:175). McLuhan afirma que o conteúdo distrai a mente para não pensar no meio: ao se comentar uma notícia vista na TV, discute-se o assunto, não porque assistiu a TV e não rádio. Uma das grandes forças dos meios é que esses englobam, como conteúdo, outras formas de mídia: "O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu 'conteúdo' é um outro meio. O conteúdo de um filme é um romance (...)" (McLuhan, [1964] 2002:33). Chega-se a um ponto fundamental, no qual cada mídia toma como conteúdo outra mídia. Logo o conteúdo tem suma importância para dissecar a origem do meio e analisar seus impactos. Levinson (1999:37) continua:

"What medium serves as content for the Web, the equivalent of the novel for movies, or movies and the radio serial for TV?

Actually the answer is not one medium, but many media, for the Web has taken as its content the written word in forms ranging from love letters to newspapers, plus telephone, radio ("RealAudio"

³Tradução: "Seu sentido fundamental é que o nosso uso de qualquer mídia de comunicação tem um impacto muito maior que o dado conteúdo de qualquer comunicação, ou o que a mídia possa transportar – por exemplo, o processo de assistir televisão tem mais influência significativa para as nossas vidas que o programa específico ou o conteúdo a que assistimos, como o ato de falar ao telefone é mais revolucionário nos aspectos humanos que a maioria das coisas ditas no telefone – foi bem entendida no geral e prontamente reconhecida como o ladrilho para o caminho de McLuhan para compreender a mídia".

⁴ Tradução: "O argumento de McLuhan se concentra primariamente no impacto da tecnologia da mídia no sensorio humano".

*on the Web), and moving images with sound which can be considered a version of television “.*⁵

Pode-se perceber que o autor chegou perto do conceito aplicado de hipermídia por LANDOW – como será visto na parte 1.2.1 quanto se fala do protocolo HTTP e Hipertexto – ao falar que a web se apropria dos outros meios como conteúdos e esta incorporação faz que a mídia transforme o modo cognitivo como os meios anteriores são percebidos.

1.2 Internet

Uma distinção que se faz necessária é o limite da palavra "Internet". Tecnicamente, Internet quer dizer uma rede que funde outras redes através de um dado protocolo (IP). Sobre esse protocolo "de baixo nível"⁶, podem ser transmitidas outras informações, sejam arquivos, hipertextos ou vídeos.

	Camada	Exemplos
Mais alto ↑ ↓ Mais baixo	4 Aplicação	FTP, POP3, HTTP
	3 Transporte	TCP, UDP
	2 Entre-redes	IP, ARP, ICMP
	1 Conexão de dados	PPP, CSLIP, SLIP

Figura 4: Camadas de Rede.

⁵ Tradução: "Que mídia serve como conteúdo da *Web*, o equivalente dos romances para os filmes, ou o cinema e o rádio para a TV? Na verdade a resposta não é uma mídia, mas várias mídias, pois a *web* apropriou como seu conteúdo a palavra escrita, variando da carta de amor aos jornais, além do telefone, o rádio ("*RealAudio*" na *Web*) e imagens em movimento com som que podem ser consideradas uma versão da televisão".

⁶ Baixo nível quer dizer, para computadores, uma linguagem mais próxima da binária, que é entendida pelo computador. Normalmente, é uma representação não muito acessível ao usuário. Opõe-se ao "alto nível", que é mais acessível aos usuários e é normalmente representado por signos e interfaces gráficas. Quanto mais alto o nível, mais legível para os humanos; quanto mais baixo, mais parecido com linguagem de máquina.

A definição de Internet estaria na 2ª e 3ª camadas, que interligam redes e dão suporte aos protocolos de transmissão de arquivos. Os aplicativos são a base da comunicação *on-line* porque delimitam que tipos de informação passaram pelo canal.

No senso comum, Internet é, metonimicamente, tomada como *websites*: "estar na Internet" é "possuir um *website*". Se:

"(...) O meio é a mensagem. Isto apenas significa que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio - ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos - constituem o resultado de um novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos." (McLuhan, [1964]2002:21)

Não podemos reduzir a Internet a simplesmente páginas da *web*. Existem diversas formas de comunicação em rede que não se constituem como páginas. Mesmo entre as páginas da *web* não necessariamente se configura uma homogeneidade no que se trata de meio. Cada expressão traz um novo fluxo, uma nova forma de comunicar, que modifica a relação. Essa distinção é fundamental para o desenvolver deste trabalho, pois pretende-se avaliar horizontalmente as expressões midiáticas na comunicação *on-line*. Estas seriam ignoradas se fosse tomada a metonímia do *website*, pois o fluxo de comunicação pode ocorrer em outros níveis. Por exemplo, o *e-mail* tem propriedades e dinâmicas que não são comuns a um *website*. Enviar um *e-mail* é bem diferente de acessar um *website*. A forma de acesso a informação é totalmente diferente, apesar de ambos serem suportados pela Internet.

1.2.1 HTTP e Hipertexto

O protocolo mais usado na Internet, que trouxe maior familiaridade e acesso, definitivamente, foi o *http*: protocolo de transmissão de Hipertexto (*HyperText Transfer Protocol*). O conceito de páginas na *web* vem deste protocolo. É o protocolo que suporta a transferência e utilização de hipertextos:

“The Hypertext Transfer Protocol (HTTP) is an application-level protocol for distributed, collaborative, hypermedia information systems.(...) HTTP has been in use by the World-Wide Web global information initiative since 1990” (FIELDING et al,1997:on-line⁷).

Hipertexto, segundo Landow (1997:3), vem a ser “[a] text composed of blocks of text (...) and an eletronic link that join them. (...) Hypertext denotes an information medium that links verbal and nonverbal information⁸”. Um dos grandes diferenciais do hipertexto é o elo (*link*) entre textos, que podem gerar uma forma rizomática de leitura de texto. O conceito de leitura do hipertexto se parece com a lógica das redes:

“Hypertext – text composed of blocks of words (or images) linked electronically by multiple paths, chains or trails in an open-ended, perpetually unfinished textuality described by the terms link, node network, web and path”⁹(LANDOW,1997:3)

Uma das características inerentes ao hipertexto é a descentralidade. Segundo LANDOW (ibid:89), “Hypertext similarly emphasizes that the marginal has as much to offer as the central(...)”¹⁰. Dentro de uma rede de hipertexto, não é possível distinguir quem toma uma posição central ou quem está na margem. Toda esta noção é provisória de acordo com o olhar do leitor no instante.

A linguagem de programação mais utilizada para produzir hipertextos é o HTML, linguagem de marcação de hipertextos (*HyperText Mark-up Language*). Com o HTML, pode-se criar documentos que possuam texto, imagens, sons, e também

⁷ Tradução: “O protocolo de Transmissão de Hipertexto (HTTP) é um protocolo na camada de aplicativos para sistemas de informações hipermediáticos distribuídos e colaborativos. (...) O HTTP vem sendo usado pela rede mundial de computadores desde 1990”.

⁸ Tradução: “[um] Texto composto de blocos de texto (...) e um link eletrônico que os junta. (...) Hipertexto denota uma mídia de informação que liga informações verbais e não-verbais.

⁹ Tradução: Hipertexto – texto composto por blocos de palavras (ou imagens) conectada eletronicamente entre si por múltiplos caminhos, cadeias ou rastos em textualidade sem fim perpetuamente inacabada descrita pelos termos link, nó, rede, teia e caminho.”

¹⁰ Tradução: “Hipertexto igualmente enfatiza que a margem tem tanto a oferecer como o centro(...)”.

vídeo e animações. Além do HTML, existem linguagens que complementam e adicionam funcionalidades aos *sites*. Alguns exemplos seriam javascript, PERL, PHP, Python, ASP.NET. Essas linguagens complementam o HTML adicionando recursos mais interativos e ações normalmente não incluídas na base da linguagem – como inserir informações num banco de dados.

O objeto desta dissertação usa o protocolo HTTP e é feito por HTML, mesmo que com ajuda de outras linguagens.

1.3 Redes sociais

Redes sociais são uma relação entre as pessoas que fornecem suporte de sociabilidade, informações e pertencimento (WELLMAN,1996:*on-line*). Para COOK(2001:*on-line*), é “concrete depiction of an abstract social structure, capable of rendering unseen social forces visible”¹¹.

O conceito de redes sociais surge na sociologia para diminuir a distância entre a macro e a microsociologia, trazendo um conceito estrutural relacional:

“Network analysis emphatically rejects all varieties of culturalism essentialism, and methodological individualism (...). Network analysts ‘take seriously what Durkheim saw but most of his followers did not: the organic solidarity of a social system rests not on the cognition of men, but rather on the interlock and interaction of objectively definable social relationship’(Boorman and White 1976, p.1442 in EMIRBAYER)¹²”.

Neste trabalho será substituído o termo “comunidade virtual” por “redes sociais on-line”. O termo “comunidades virtuais” surgiu em RHEINGOLD (1993) aplicado comumente a certos tipos de agrupamentos na Internet difere das redes sociais. Comunidades virtuais, Segundo, Rheingold(1993:5) são:

¹¹ Tradução: “uma descrição concreta de uma estrutura social abstrata, capaz de tornar visíveis forças sociais não percebidas”.

¹² Tradução: A análise de redes enfaticamente rejeita todas variedades de culturalismo, essencialismo e individualismo metodológico (...) A análise de redes ‘leva a sério o que Durkheim viu, mas a maioria dos seus seguidores, não: a solidariedade orgânica de um sistema social pousa não no cognitivo do homem, mas sim na inter-relação e interação de relações sociais definíveis”

*"Social aggregation that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace"*¹³.

No entanto, o próprio Rheingold, na primeira revisão do seu livro *Virtual Community* (RHEINGOLD, 2000:359), afirma que:

*"If I had encountered sociologist Barry Wellman and learned about social network analysis when I first wrote about cyberspace cultures, I could have saved us all a decade of debate by calling them 'online social networks' instead of virtual communities"*¹⁴.

O que se entende por comunidade virtuais, por mais que se discuta o termo "comunidade", ainda está fundamentado no conceito de redes sociais. Se forem "comunidades" num sentido estrito, são configuradas como redes sociais *on-line* de laços fortes, formando um "*clique*" (grupo fechado com laços fortes entre si). Se for um conceito de comunidades mais flexível, podemos ter redes sociais de laços fracos ou mistos. Assim, elimina-se a dúvida quanto a ser ou não um certo tipo de comunidade: simplesmente existem redes sociais de configurações diferentes.

O primeiro fundamento de uma rede social é o Ator. O Ator representa, no caso de uma rede social, um indivíduo. Mas também pode representar um grupo, uma classificação, um pensamento ou até uma representação espacial, de acordo com a rede a ser analisada.

Em seguida, o fator essencial de toda rede é o laço. Laço quer dizer a conexão entre os atores. Não é possível existir uma rede sem nenhum laço. Podem

¹³ Tradução: "Agregações sociais que emergem da rede quando pessoas mantêm discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço".

¹⁴ Tradução: "Se eu tivesse encontrado o sociólogo Barry Wellman e aprendido sobre análise de redes sociais quando eu escrevi pela primeira vez sobre as culturas do ciberespaço, eu poderia ter economizado uma década de debates chamando-as de 'redes sociais on-line' ao invés de 'Comunidades Virtuais'".

ser afinidades, relações e até *links* de *sites*. Tomemos as amizades, por exemplo: se uma pessoa "A" é amiga de "B", podemos dizer que existe um laço entre elas.

Os laços podem ter diversos moduladores. Um deles é a força que estabelece a intensidade do contato entre os pontos. Para GRANOVETTER (1973:1361), força dos laços é "a combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie"¹⁵. Uma peculiaridade da Força é que o conceito pode ser aplicado em uma macroestrutura, não somente a pares.

Os "Laços fortes" denotam um contato direto entre as pessoas que estão compondo a rede. Seriam as pessoas mais próximas do indivíduo: família, amigos próximos. Essa rede compõe-se de um grupo fechado do tipo "todos conhecem todos". As pessoas dessa rede são mais acessíveis e têm uma maior vontade para com o indivíduo participante. Já os "Laços fracos" podem ser compostos entre um par que não tem uma relação muito próxima (como pessoas que se conhecem do trabalho, mas não têm nenhuma outra proximidade), ou uma relação entre pessoas que possuem um intermediário comum. É uma rede em que nem todas as pessoas estabelecem um vínculo direto, mas esse vínculo se constrói através de um intermediário. Seria um "amigo de um amigo". Segundo GRANOVETTER(1983:209):

*"Weak ties provide people with access to information and resources beyond those available in their own social circle; but strong ties have greater motivation to be of assistance and are typically more easily available."*¹⁶

Outra classificação para os laços é a direção. Se uma pessoa "A" é amiga de uma pessoa "B", pode-se dizer que este laço é simétrico, pois ambos compartilham do laço. No entanto, existem situações em que o laço não é recíproco: se uma

¹⁵ Tradução: " uma combinação da quantidade de tempo, a intensidade emocional, a intimidade (confidência mútua) e ajuda recíproca que caracteriza o laço".

¹⁶ Tradução: "Laços fracos ajudam pessoas com acesso a informação e recursos além dos disponíveis no seu próprio círculo social; mas laços fortes têm uma motivação maior para prestar assistência e normalmente são mais disponíveis".

pessoa "A" cita, num trabalho, a pessoa "B", podemos dizer que há um laço assimétrico entre "A" e "B", pois não há uma reciprocidade de "B" em "A".

Entre os laços, pode existir o que se chama de *caminho*, que é uma seqüência de linhas e pontos, os quais são sempre distintos. A *distância* de um caminho é determinada pela quantidade de linhas que o compõem. Para comunicação, os caminhos indicam qual o trajeto possível para uma mensagem a partir de um emissor. Além disso, pode ser aplicada às redes sociais a noção de *densidade*, que é a relação entre a quantidade de laços existentes e os laços totais possíveis. Assim poderíamos definir a densidade de acordo com a figura 5.

Redes Simétricas:	Densidade:	$\frac{L}{n(n-1)/2}$
Redes Assimétricas:	Densidade:	$\frac{L}{n(n-1)}$
Onde: n= total de nós; L= quantidade de linhas no gráfico.		

Figura 5: Cálculo da densidade nas redes sociais.

A densidade serve como parâmetro de interconectividade para uma análise, a partir da qual podemos perceber quão próximos estão os pontos uns dos outros. A densidade das redes sociais pode ser classificada também de acordo com a centralidade (SCOTT,2000): concentradas num centro (*Egocêntrica*) ou descentralizada (*Sociocêntrica*). A rede Egocêntrica ocorre quando numa rede social existe uma dependência de um ator que concentra a maior densidade das conexões. A falta deste ator na rede pode gerar diversos pontos isolados, uma vez que a maioria dos pontos são voltados para um "ego" (indivíduo). A rede Sociocêntrica distribui a densidade da rede sem necessitar de um elemento que controle a maioria dos laços de uma rede. Nessa configuração, o "ego" não afeta diretamente o modo como a rede se interconecta. Outro fator de análise de redes sociais para a

comunicação são os Componentes. *Componentes* são "[a] sets of points that are linked to one another through continuous chains of connection"¹⁷ (SCOTT, 2000:102). Os componentes numa rede direcional – onde a direção do laço importa – podem ser Fortes ou Fracos. Os *Componentes Fortes* são aqueles em que o caminho tem numa cadeia a mesma direção de laço. A direção das linhas confluentes é um indício de fluxo de um recurso (ibid:103) que, no caso da comunicação, seria informação. A contrapartida é chamada de *Componentes Fracos* por não terem explicitamente um caminho contínuo na mesma direção. Esses componentes, que não preenchem este atributo de força, também possuem um certo valor para a rede; logo fazem parte da análise social.

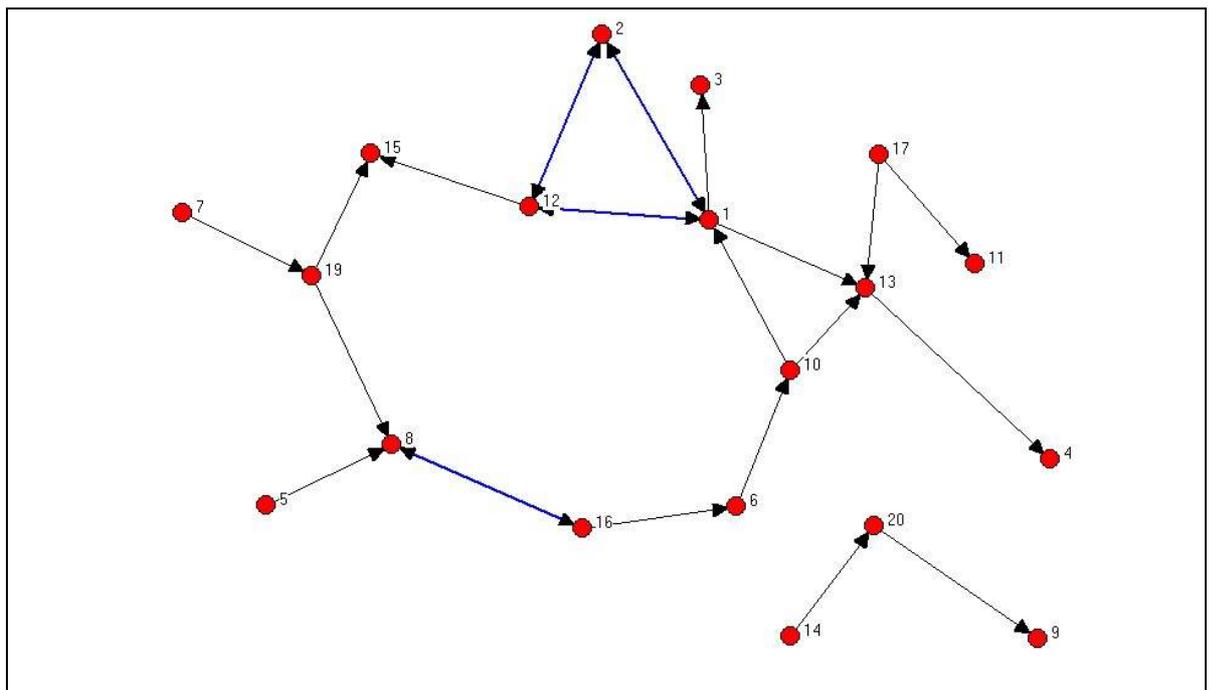


Figura 6: Exemplo de Rede Social.

Para exemplificar esta forma de análise, podemos observar a figura 6 gerada pelo programa *NetDraw*¹⁸, a fim de ver os diversos tipos de nós e como eles

¹⁷ Tradução: "Um conjunto de pontos que são ligados entre si por uma cadeia de conexões contínuas"

¹⁸ Ver seção 2.1 para mais informações sobre o NetDraw)

constroem uma relação em rede. O ponto "1" mantém um vínculo com os pontos "3", "2", "13" e "12". Por sua vez, os pontos "2", "10" e "12" possuem um vínculo com o ponto "1", sendo que o "2" e o "12" criam uma relação de simetria entre os pontos. A tríade composta pelos grupos "1", "2" e "12" mostra a presença de um laço forte entre os nós, pois estes possuem laços recíprocos entre si e criam um grupo fechado (*clique*). No entanto, esse grupo está inserido numa estrutura maior, e, relativamente, podemos criar parâmetros de força fora de um par. Por exemplo, o "1" conhece / é amigo do "12", que por sua vez é amigo do "15". Em termos de análise de rede, o "15" é um amigo indireto do "1", logo, têm um intermédio comum. A força do laço entre "1" e "15" é maior que entre "1" e "20", que não possuem nenhuma conexão. O maior caminho e, por coincidência, de componente forte maior é a relação entre os pontos "5" → "4". A densidade da rede é 0,07.

2. Metodologia

2.1 *NetDraw*

O processo de análise das redes sociais é comumente observado, para melhor precisão e compreensão, através de ferramentas de interpretação de dados.

A maioria dessas ferramentas, na atualidade, são *softwares* de computador. Dois modos são os mais comuns: o estatístico e o visual. Estatístico quer dizer que as relações entre os nós são expressas em uma matriz numérica, através de algoritmos que calculam a distância e a relação entre os pontos. Pode-se inferir sobre a situação da rede a partir de coeficientes e sua relação com as outras colunas da matriz. A forma visual transforma esses dados numéricos em uma representação visual, em que cada um dos elementos da rede é representado segundo uma forma definida pelo programa no qual os dados são inseridos.

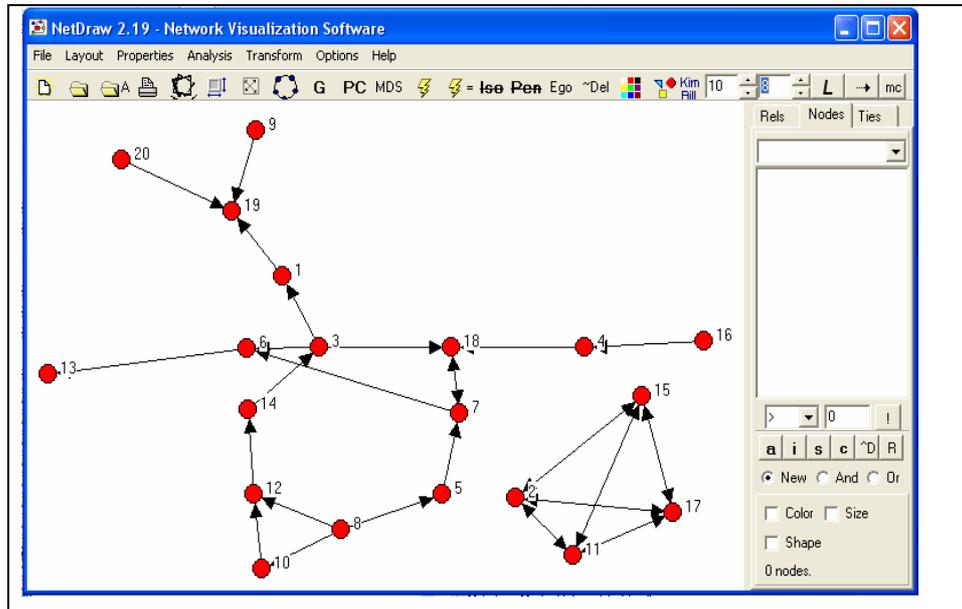


Figura 7: Tela do NetDraw.

Normalmente, são usadas formas geométricas para representar os atores e linhas ou vetores para representar os laços.

Dentre vários *softwares* que se propõem a analisar as redes sociais, o *Netdraw* é um que traz a abordagem da representação visual da rede. O *NetDraw* (figura 7) suporta três formas de dados: importar do Pajek, UCINET – ambos *softwares* que criam relações de redes sociais – e um formato específico do *NetDraw* (VNA). Os dados de redes importados podem ser simples – todos os nós são iguais em propriedades – ou com atributo, quando os nós podem ser classificados de formas diferentes, como “pessoa” e “comunidade”, e demonstrados de forma distintas a partir de cada diferença.

2.2 Blog

2.2.1 Características

Um *blog* é basicamente uma ferramenta de publicação. Uma das suas características é a fácil composição e atualização, pois basicamente não é necessário conhecer nenhum código. Isto o torna muito popular:

*"Unlike a homepage, where designers may wish to demonstrate their technological proficiency among other things, the technical side of blogs tends to be handled by software on a server, leaving the user to concentrate on content."*¹⁹ (WHITTAKER, 2004:176)

Se pensarmos na evolução dos *websites*, o *blog* chega para quebrar o dilema da programação – de que apenas programadores fazem sites – e o problema posterior dos *designers* – apenas um *designer* e um programador fazem um *site*. O que ele proporciona é um modelo básico que pode ser usado tanto para um diário quanto para um jornal.

No entanto, existe no cerne da ferramenta *blog* um incrível poder de flexibilização. Assim, o usuário que domina HTML (ver seção 1.2.1) pode alterar o código da forma que lhe agrada, e compor novas dinâmicas de *site*. Por exemplo, ao invés de somente um diário, com uma "cadeia" de *blogs*, é possível criar todo um jornal com editorias *on-line* de fácil atualização. Além disso, podem ser criados *sites*, sem que seja necessário saber que, no fundo, o gestor de informação e conteúdos é uma ferramenta de *blog*.

Também por esta flexibilidade, o blogger²⁰ permite agregação de outras ferramentas para os leitores do *blog*, tais como as ferramentas de comentários – disponibilizada normalmente pela ferramenta *blog*, mas com diversas alternativas grátis–, um mural paralelo para recadinhos que não tenha nada a ver com as publicações, enfim, infinitas possibilidades.

Não existe nenhuma ferramenta *a priori* para criação de comunidades. Assim, as comunidades surgem das pessoas que se conhecem por terem *blogs* e comentarem no *blogs* dos outros, que por sua vez comentam reciprocamente.

Depois de estabelecida essa comunicação, normalmente os usuários criam nos seus *blogs* uma seção de *links* (do tipo "*blogs* que eu leio") que aponta para os *blogs* de que esta pessoa "participa". Assim, cria-se um *webring* entre os *blogs*.

¹⁹ Tradução: "Diferente de uma homepage, onde os designers querem demonstrar sua proficiência tecnológica entre outras coisas, o lado técnico do blog tende a ser gerenciado por um software no servidor, deixando o usuário se concentrar no conteúdo".

²⁰ Ferramenta que gera *blogs*.

Webrings são “círculos de blogueiros que lêem seus *blogs* mutuamente e interagem nestes *blogs* através de ferramentas de comentários” (RECUERO,2003:on-line).

WHITTAKE comenta sobre o uso de links nos blogs:

Blogs, and bloggers, are also doing interesting things with the hyperlinks that link Web pages together. From the first, blogging has been about community, with bloggers eager to read one another's entries, post comments about them on their own blogs, and provide lists of links to the blog cartels that identify who particular bloggers think is 'who' in their blog world.

21

Uma conseqüência dessa dinâmica de *links* é a lógica de redes que, como vistas nas partes 1.2.1 (HTTP e hipertexto) e 1.3 (Redes sociais), cria um espaço para trocas de informações. Este espaço configura uma rede social, agora, em um espaço *on-line*, onde os laços de relação (comunicação?) acontecem mediados por computador.

Para mostrar uma rede de *blogs*, foram escolhidos 6 temáticas diferentes de *weblogs*. A partir dessas temáticas, foi delimitado um *blog* que representasse uma categoria. O primeiro critério para o *blog* ser selecionado é ter sua organização em formato de tópicos de ordem cronológica invertida. Este é um formato que representa a forma de publicação (*post*) de uma ferramenta de *blog*. Em seguida, o *blog* tem que possuir uma coluna de *links* para outros *blogs*. A raiz da análise tem que possuir um subnível para existir um modelo com tríades. Por fim, ele deve fazer parte de uma das temáticas.

2.2.2 Temáticas

Um ponto importante para estabelecer uma análise de *blogs* é qual os temas/tipos de *blogs* que serão analisados. O tipo do *blog* pode gerar uma

²¹ Tradução: “*Blogs*, e blogueiros, estão também fazendo coisas interessantes com *hyperlinks* que conectam páginas juntas. Desde o início, fazer *blogs* têm sido sobre comunidades, com blogueiros ansiosos para ler as entradas dos outros, publicar comentários sobre eles nos próprios *blogs* e prover listas de *links* para um cartel de *blogs* que identifica que blogueiro em particular representa no seu mundo de *blog*”.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

configuração totalmente diferente nos padrões de redes sociais? Para avaliar essa possibilidade de estudo, foram definidas seis temáticas diferentes. Para cada temática, foi selecionado um *blog* que a representasse, além de possuir os parâmetros mínimos para análise.

A primeira temática escolhida para origem da análise foi a tecnológica. Essa temática fala do uso dos computadores e a relação das pessoas com o mundo tecnológico. Essa categoria de *blog* é relevante para o trabalho porque normalmente as pessoas que participam dela possuem um conhecimento tecnológico, inclusive em linguagens de programação. Assim, pode-se observar como uma comunidade de pessoas que têm um conhecimento técnico sobre *websites* usa a ferramenta de automação. Dentre vários *blogs* dessa temática, o escolhido para servir como raiz foi o <http://danielsantos.org> (figura 8), como definido pelo próprio autor: “Sou aficionado por informática, tecnologia e computação em geral. Gosto de conversar — e escrever, motivo principal deste meu site — sobre um pouco de cada um destes assuntos” (<http://danielsantos.org/sobre/>). Este *blog* preenche adequadamente todos os requisitos para a análise.



Figura 8: *Blog* Danielsantos.org.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS ON-LINE NOS BLOGS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

O segundo tema escolhido foi religião. Essa temática mostra uma adaptação ou uma apropriação do discurso religioso à velocidade e flexibilidade da Internet. Existe uma manutenção de um discurso, o religioso, agora adaptado aos novos parâmetros de comunicabilidade. O *blog* analisado, <http://aliaolado.blogspot.com> (figura 9), tem uma abordagem pessoal dos cotidianos de dois evangélicos: “Um espaço de desabaços e devaneios não necessariamente inteligíveis ou lógicos de dois amigos evangélicos e protestantes”.



Figura 9: *Blog* aliaolado.blogspot.com.

Outra categoria importante historicamente para a Internet são os conteúdos eróticos. O grande desenvolvimento do comércio eletrônico foi consequência da evolução dos *sites* pornôns. Sem contar que sexo sempre está entre as palavras mais pesquisadas na Internet. Esses argumentos fazem os *sites* pornôns ocuparem um local destacado na rede, apesar das críticas à distribuição de conteúdo erótico. Como um representante dos *blogs* com conteúdo erótico, foi selecionado o <http://sexoverdade.blogspot.com> (figura 10), *blog* que distribui contos eróticos.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS ON-LINE NOS BLOGS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

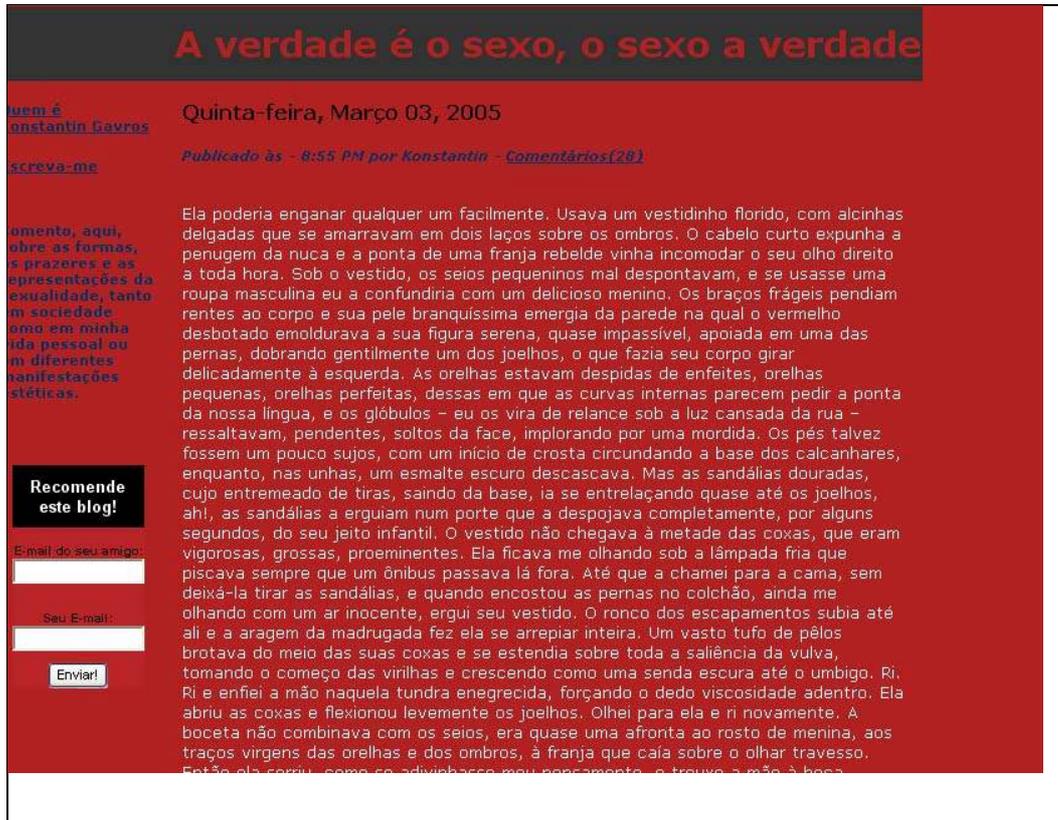


Figura 10: Blog sexoverdade.blogspot.com.

Outra temática recorrente é futebol. A relevância do futebol para a cultura brasileira pode ser expressa no modo como existe uma participação ativa da população nos estádios e a circulação comercial do jogo; além dos movimentos das torcidas organizadas. Os sites de torcidas, blogs, fotologs, comunidades no Orkut mostram como o futebol está participando da produção de conteúdos digitais. O blog escolhido foi o <http://golblogfc.blogspot.com> (figura 11), que traz comentários sobre as partidas recentes de futebol tanto no Brasil como no exterior.



Figura 11: *Blog golblogfc.blogspot.com.*

Os atores políticos descobriram os *blogs* como ferramenta de propagação de informações. Vários políticos possuem um *weblog*, no qual publicam textos de autoria própria para um público de eleitores ou até mesmo sua agenda de compromissos. Mas existem também os *blogs* de situação e oposição, que discutem notícias no aspecto político; defendem suas ideologias. Os colunistas políticos de jornais também estão usando os *blogs* para divulgar conteúdos alternativos aos que são veiculados nos grandes jornais. Estes *blogs* criam conteúdo crítico para a rede, comentando sobre os momentos políticos e disponibilizando um espaço para comentários abertos a qualquer leitor. Assim, o *blog* <http://nemersonlavoura.blogspot.com> (figura 12) foi selecionado para a análise, por ter as características de interlocutor político.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS ON-LINE NOS BLOGS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO



QUARTA-FEIRA, MAIO 17, 2006

Até que enfim alguém tocou na ferida!

"Muitos ministros da Justiça têm sido advogados criminalistas que, na sua carreira profissional, se dedicaram à defesa de infratores de grande porte. Por isso mostram um viés profissional nas suas interpretações constitucionais a favor da defesa de "direitos humanos" nos casos criminais. Por exemplo, no Brasil não é permitido às polícias infiltrar agentes seus nos bandos criminosos, privando as instituições públicas dos instrumentos e métodos usados em outras democracias, como EUA, Inglaterra, Espanha e Itália, para debilitar e derrotar grupos terroristas e o crime organizado. Outra ação nesse sentido foi a recente decisão

Fabiano Moraes
Nemerson Lavoura

"Les libertés publiques ne sont pas autre chose que des résistances"

Paul Royer-Collard

"Ah, os nossos libertários! Bem os conheço, bem os conheço. Querem a própria liberdade! A dos outros, não. Que se dane a liberdade alheia. Berram contra todos os regimes de força, mas cada qual tem no bolso a sua ditadura"

Figura 12: Blog nemersonlavoura.blogspot.com.

Por fim, um tema que se aproxima de um dos preconceitos sobre *blogs*: os diários íntimos. Existe grande variedade de pessoas que utilizam a ferramenta de *blog* para publicar sobre o seu dia-a-dia, problemas pessoais e a vida íntima em si. Esses diários são muito populares entre adolescentes, apesar de existirem exemplares com autores de todas as idades. Como representante dessa categoria, foi selecionado o <http://garotanaweb.blogspot.com> (figura 13), por conter o estilo de narração e tema que confirma a idéia de diário.



Figura 13: Blog garotanaweb.blogspot.com.

Esses seis tipos podem demarcar um universo de análise de *blogs* interessante, ressaltando que eles são somente os iniciais. A partir dele, a temática pode continuar ou se dispersar, não havendo um limitador para as configurações possíveis.

2.2.3 Tamanho da análise

Depois de definidas as temáticas, o ponto fundamental é delimitar o tamanho da análise. Tendo como origem os *blogs* definidos nos temas (raiz), foram mapeados todos os pontos reconhecidos como *links* para outros *blogs* (*child*). A partir desses, foram mapeados os consequentes (*sub-child*). Um esquema desta análise pode ser visto na figura 14.

Tendo como início um *blog*, foram alcançados 884 pontos distintos no tema de tecnologia (<http://danielsantos.org>, figura 15); 2.869 no religioso (<http://aliaolado.blogspot.com>; figura 16); 447 no futebol (<http://golblogfc.blogspot.com>, figura 17); 1462 no político (<http://nemersonlavoura.blogspot.com>, figura 18); 297 no pornô (<http://sexoverdade.blogspot.com>, figura 19); e 582 no diário on-line (<http://garotanaweb.blogspot.com>, figura 20). Cada *blog* relacionado foi representado por um ponto vermelho. Sua conexão por uma linha preta (ou azul) com uma seta na ponta demonstrando o sentido do laço.

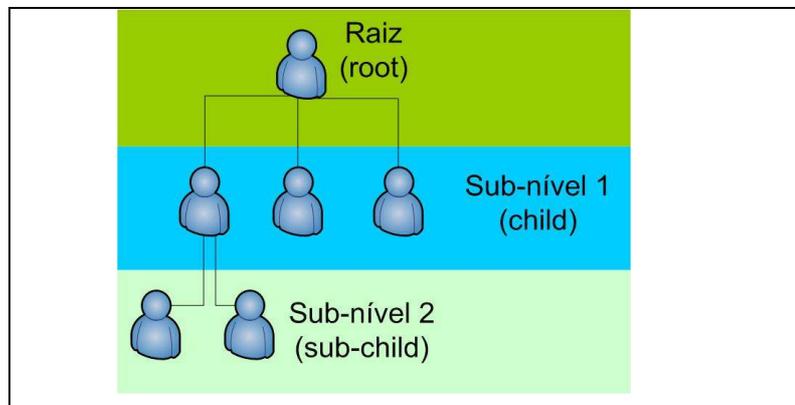


Figura 14: Ordem e tamanho da análise.

O modo usado para organizar as representações visuais de rede agrupa, no centro das imagens os pontos mais conectados – com mais ligações – e na periferia os que só recebem uma conexão.

Um dos pontos importantes para discutir sobre as redes dos *blogs* é a relação do autor e dos leitores. Podemos observar as redes dos *blogs* a partir desses dois parâmetros, para determinar o alcance da rede. Tanto o papel do autor do *blog* e sua relação de replicador de informações para rede de acordo com a direção do laço – pois o autor de um *blog* lê outro com o qual tem *link* – quanto o caminho possível para os leitores, são atributos importantes para a comunicação. Pode-se determinar, pelo mapa de links do autor, quais são suas preferências de informação e com quem ele mantém relação, construindo um universo fechado.

Com os leitores, não é possível estabelecer um mapa de relações. As possibilidades ficam entre um *blog* e toda a rede de milhares de *blogs*. No entanto

pode-se estimular caminhos pelo mapa de *links* do autor, favorecendo alguns *blogs*. Em outras palavras, alguns *blogs* podem receber um leitor de outro por ter um *link* entre eles.

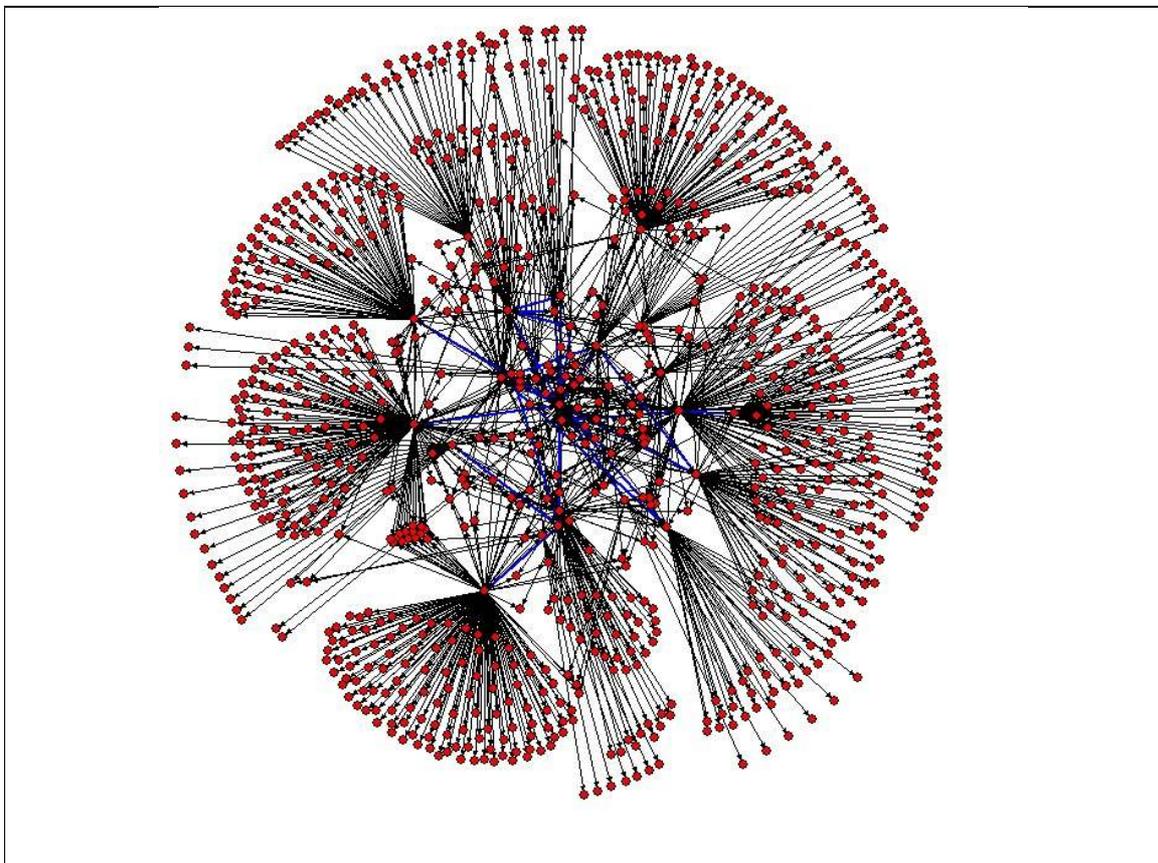


Figura 15: Rede do *blog* <http://danielsantos.org> com 883 nós. Cada ponto vermelho representa um *blog*.

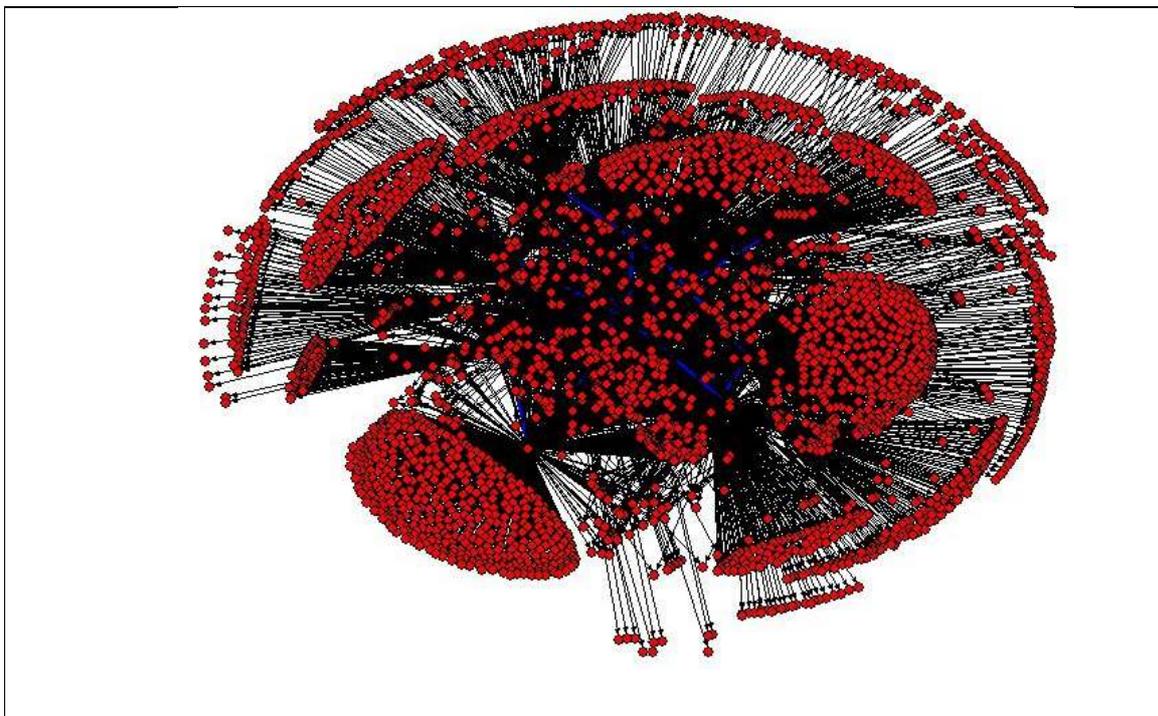


Figura 16: Rede do *blog* <http://aliaolado.blogspot.com> com 2870 nós.

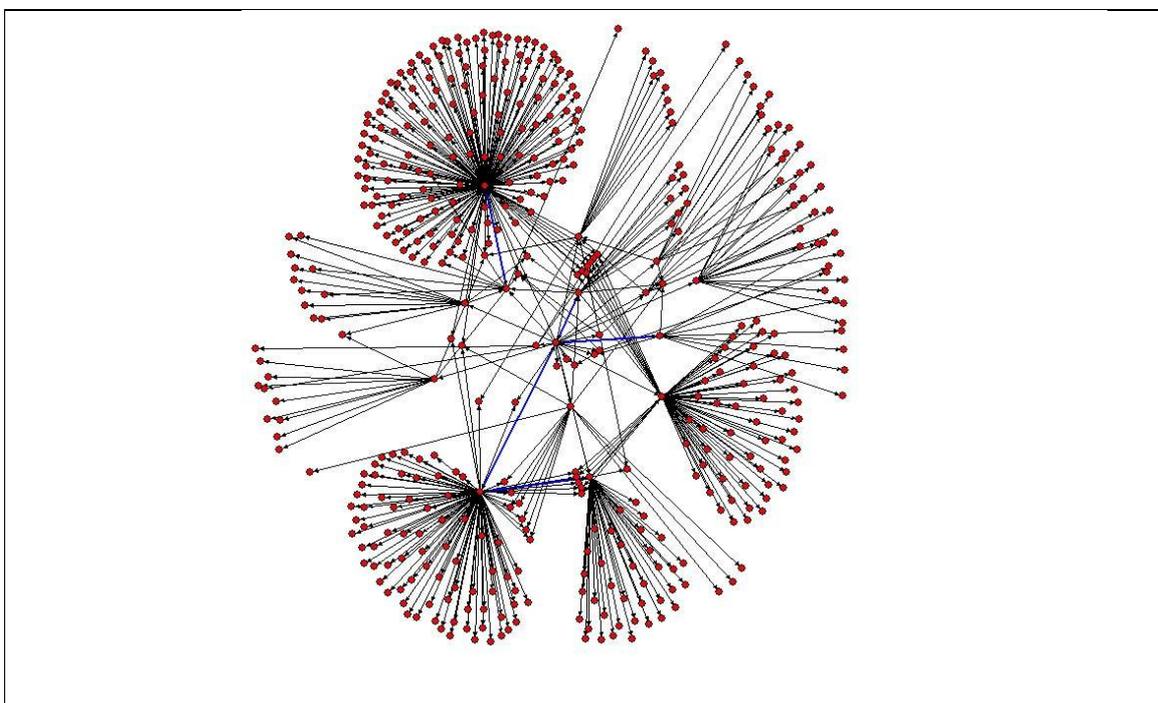


Figura 17: Rede do *blog* <http://golblogfc.blogspot.com> com 447 nós.

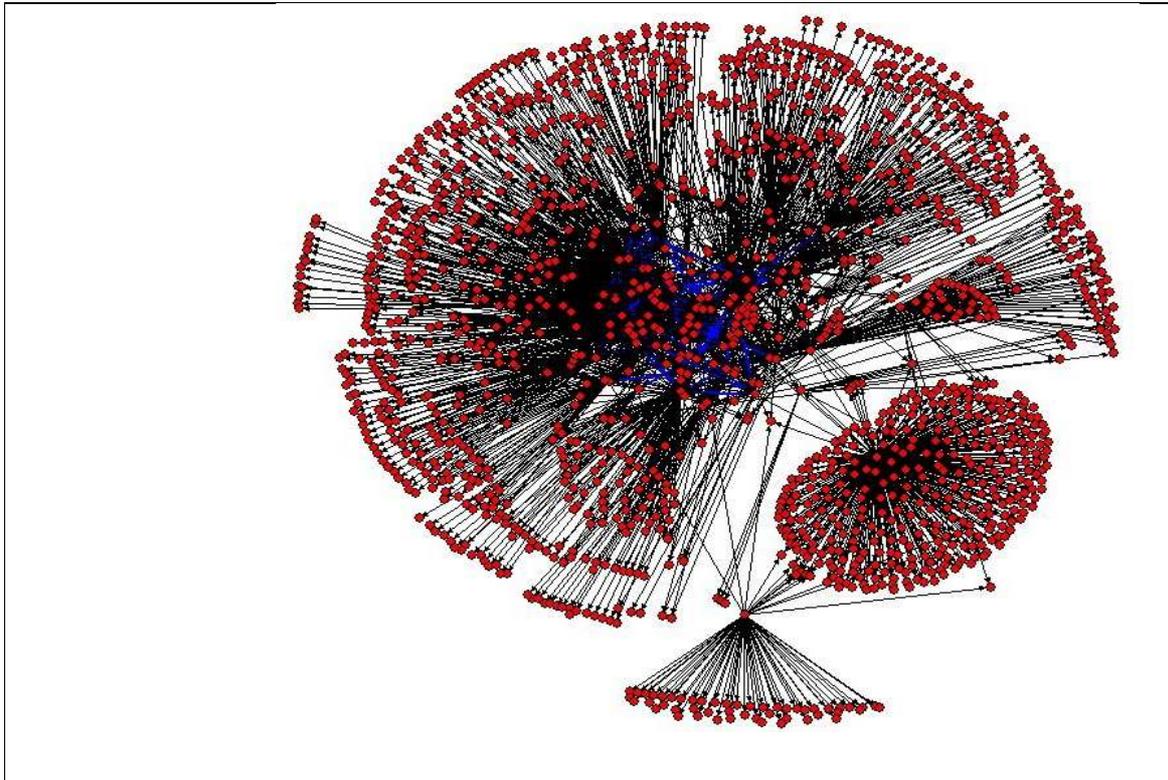


Figura 18: Rede do *blog* <http://nemersonlavoura.blogspot.com> com 1462 nós.

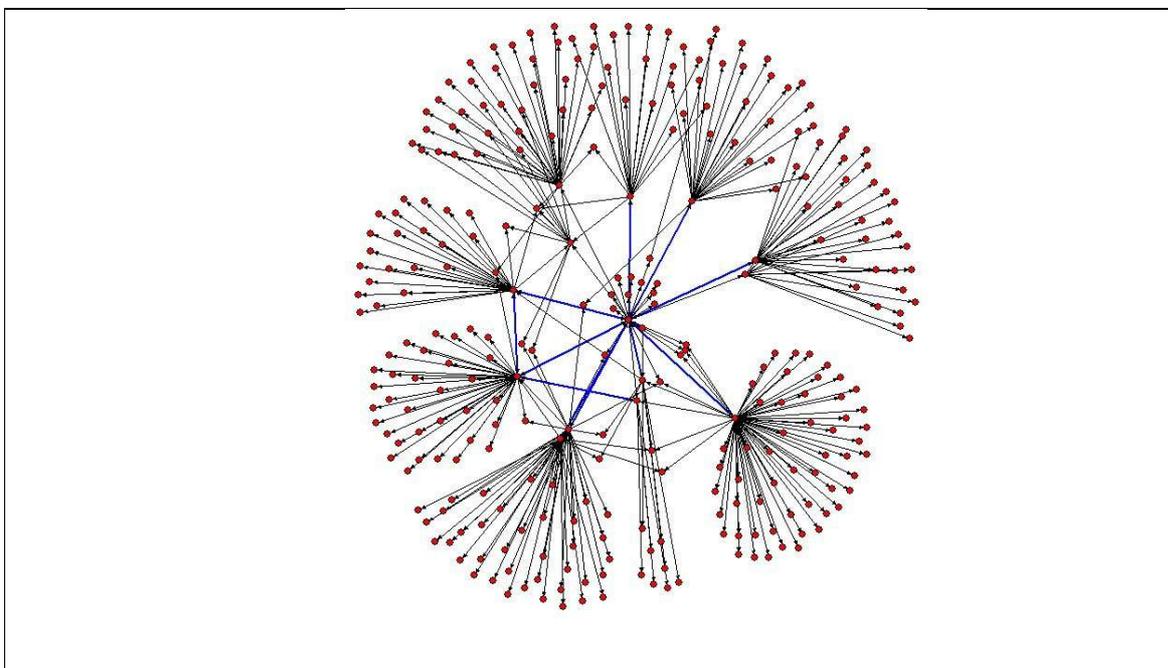


Figura 19: Rede do *blog* <http://sexoverdade.blogspot.com> com 297 nós.

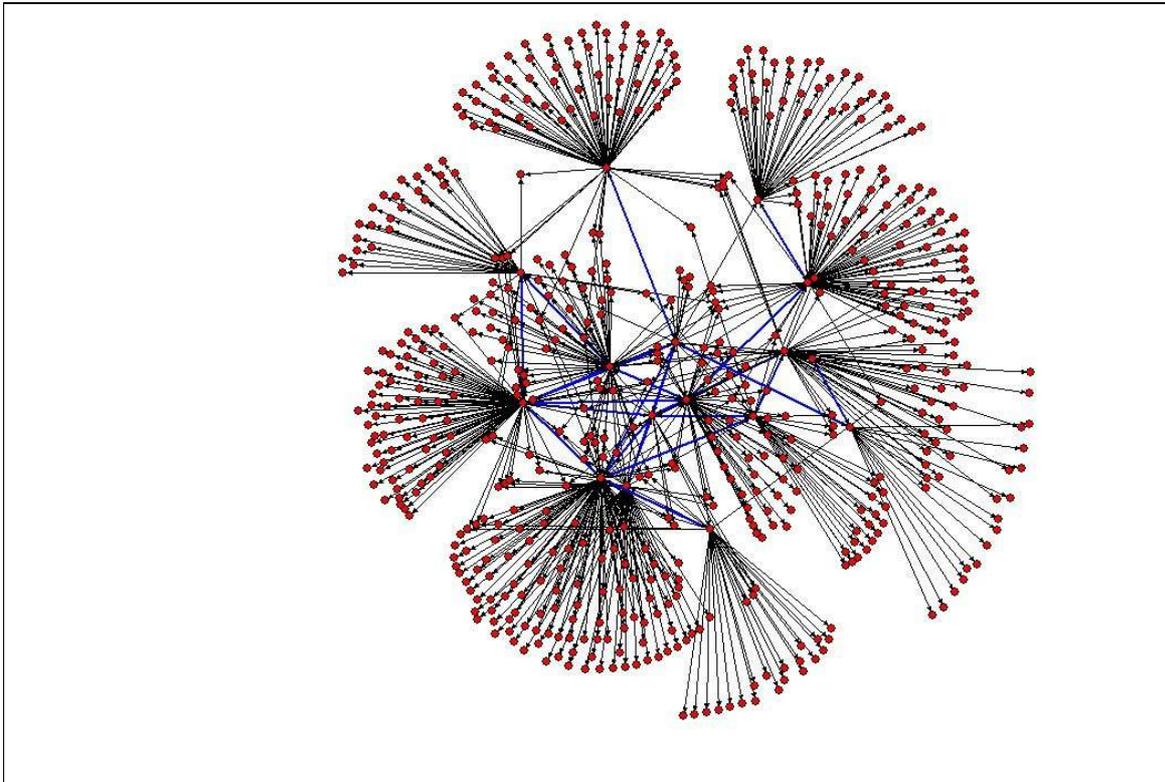


Figura 20: Rede do *blog* <http://garotanaweb.blogspot.com> com 582 nós.

Conforme as preferências de leitura de um dado autor, o mapa de *link* cria um “caminho” que o leitor pode percorrer a partir da origem, do *blog* que está lendo atualmente. Este caminho não é definido e obrigatório, mas um caminho da rede que pode se tornar possível. Se utilizando o conceito da força das redes (parte 1.3), pode-se afirmar que o autor cria um laço de força para os leitores direcionado a rede para um outro *blog*, como uma recomendação: “eu lei isto”. Como o *blog* está numa estrutura maior, essa “recomendação” (ou força) passa para toda parte de macroestrutura como numa rede social. Percebe-se a presença do leitor como ator da rede, tanto social quanto de computadores.

2.2.4 Análise

Para uma análise das redes, definem-se primeiro os elementos básicos que a compõem. Têm-se dois tipos básicos: laços duplos ou simples. Duplo (\leftrightarrow) seria quando um nó se refere a outro e também é por ele referido. Já os nós simples vão de um ponto a outro sem ter um *link* de volta (\rightarrow). Para ilustrar melhor os laços

duplos, convencionou-se colori-los com uma linha azul para facilitar sua visualização. Para poder-se aplicar a teoria da Força dos laços fracos de Grannovetter (ver seção 1.3), que traz um destaque para o mediador de uma rede, serão usadas, como modelo de análise, as tríades, a fim de se obter um resultado não necessariamente direto. Além disso, as tríades comportam a relação mínima de intermédio.

A rede inicial dos *blogs* analisados é composta por:

Danielsantos.org: um *blog* que cria vínculos diretos com 29 outros *blogs*;

Aliaolado.blogspot.com: possui vínculo direto com 45 *blogs*;

Golblogfc.blogspot.com: tem ligação com 22 *blogs*;

Nemersonlavoura.blogspot.com: tem ligação com 88 pontos;

Sexoverdade.blogspot.com: possui elo com 29 outros pontos;

Garotanaweb.blogspot.com: possui conexão com 20 pontos.

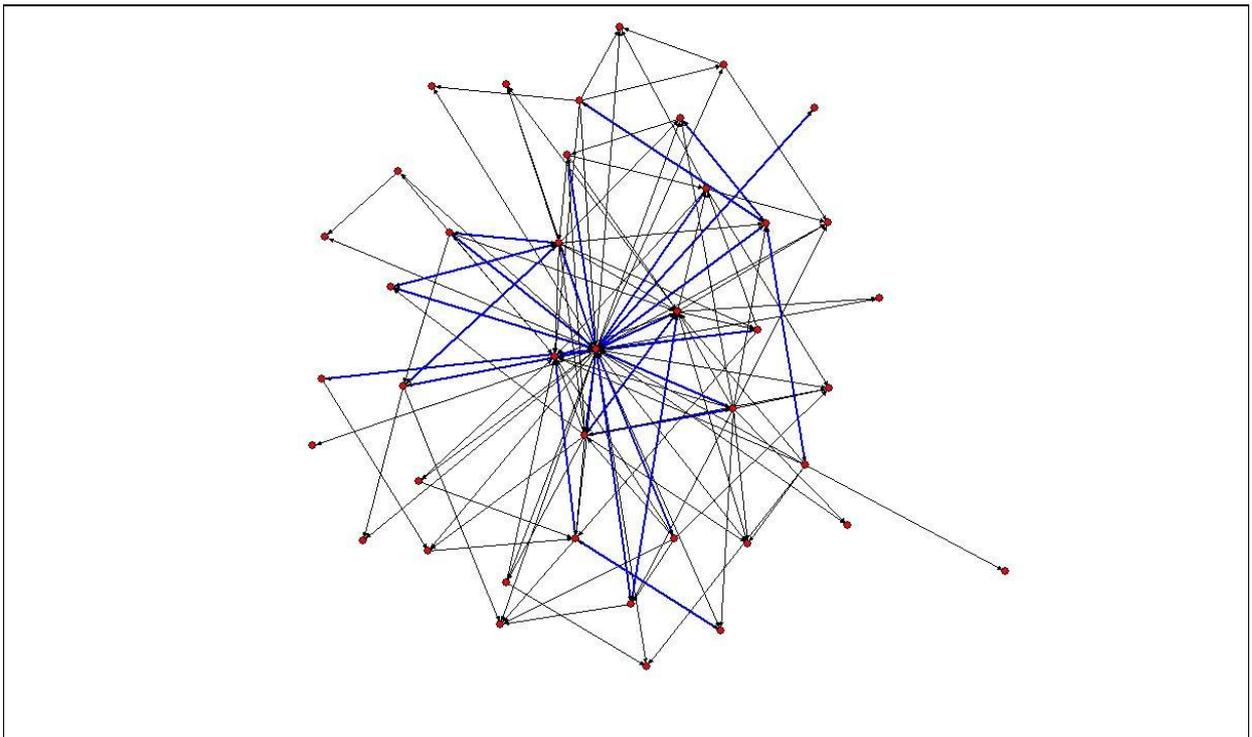


Figura 21: Egonet do *blog* Danielsantos.org com 29 nós.

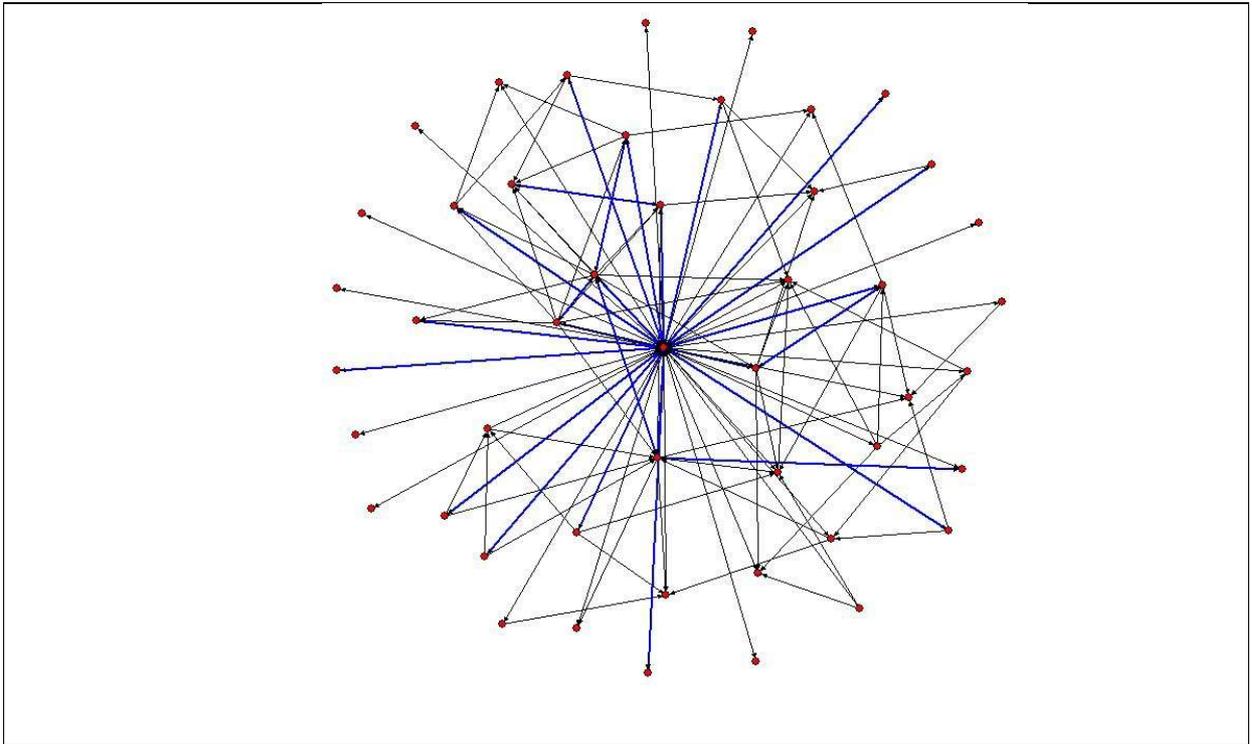


Figura 22: *Egonet* do blog Aliaolado.blogspot.com com 45 nós.

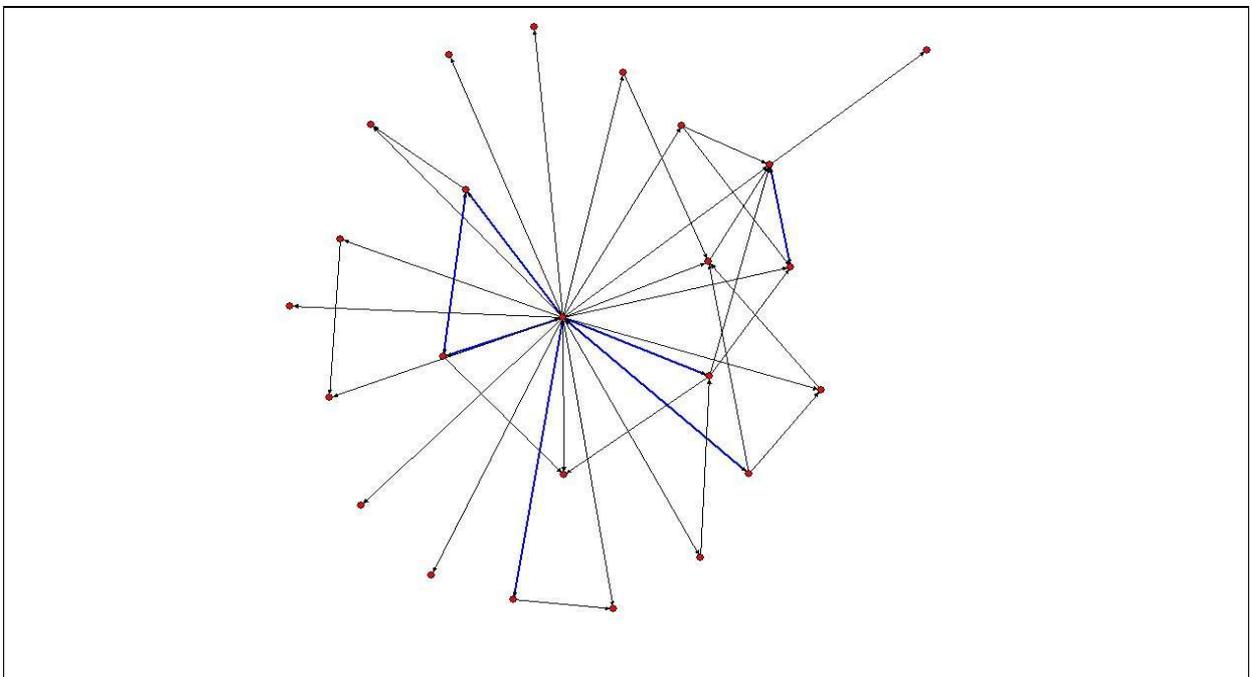


Figura 23: *Egonet* do blog Golblogfc.blogspot.com com 22 nós.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

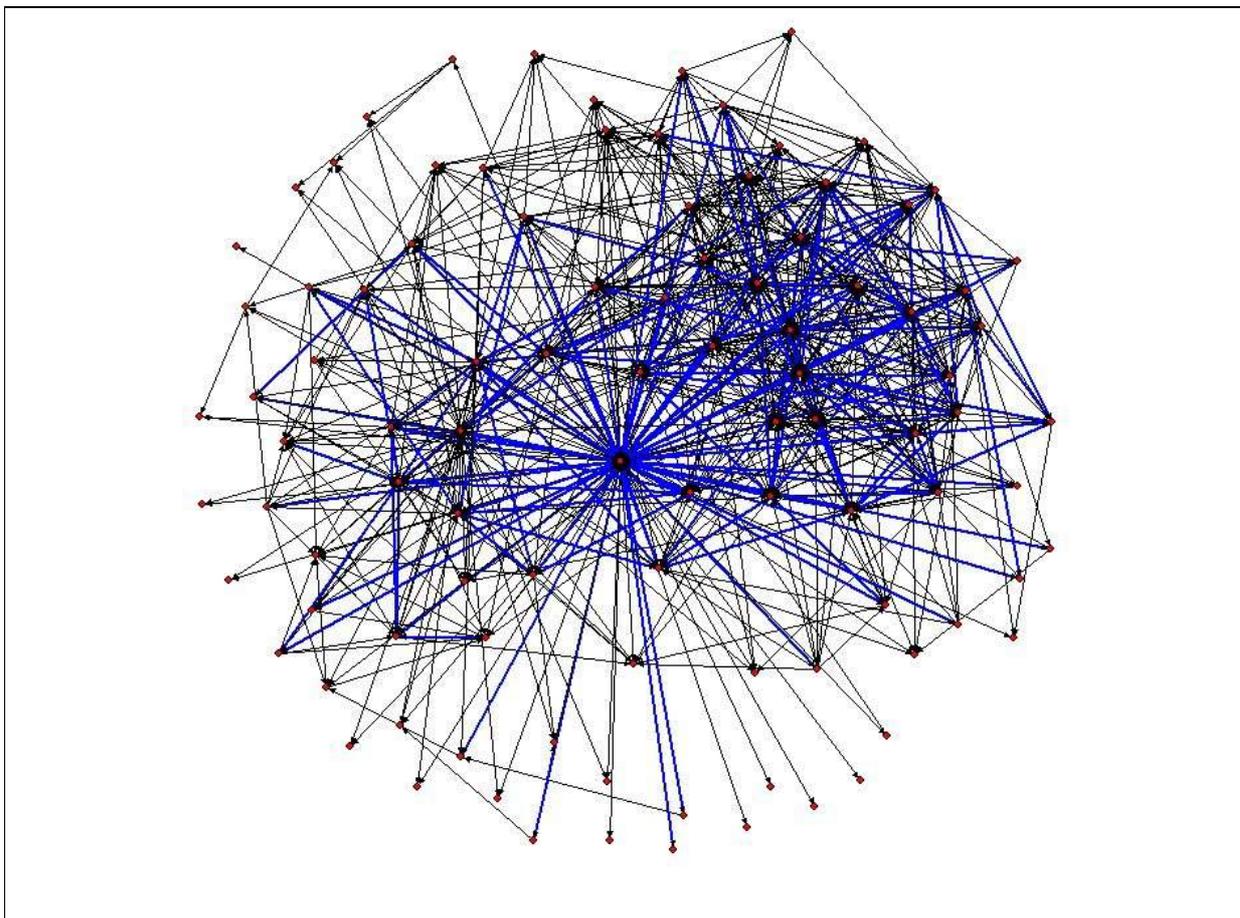


Figura 24: *Egonet* do *blog* Nemersonlavoura.blogspot.com com 88 nós.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS ON-LINE NOS BLOGS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

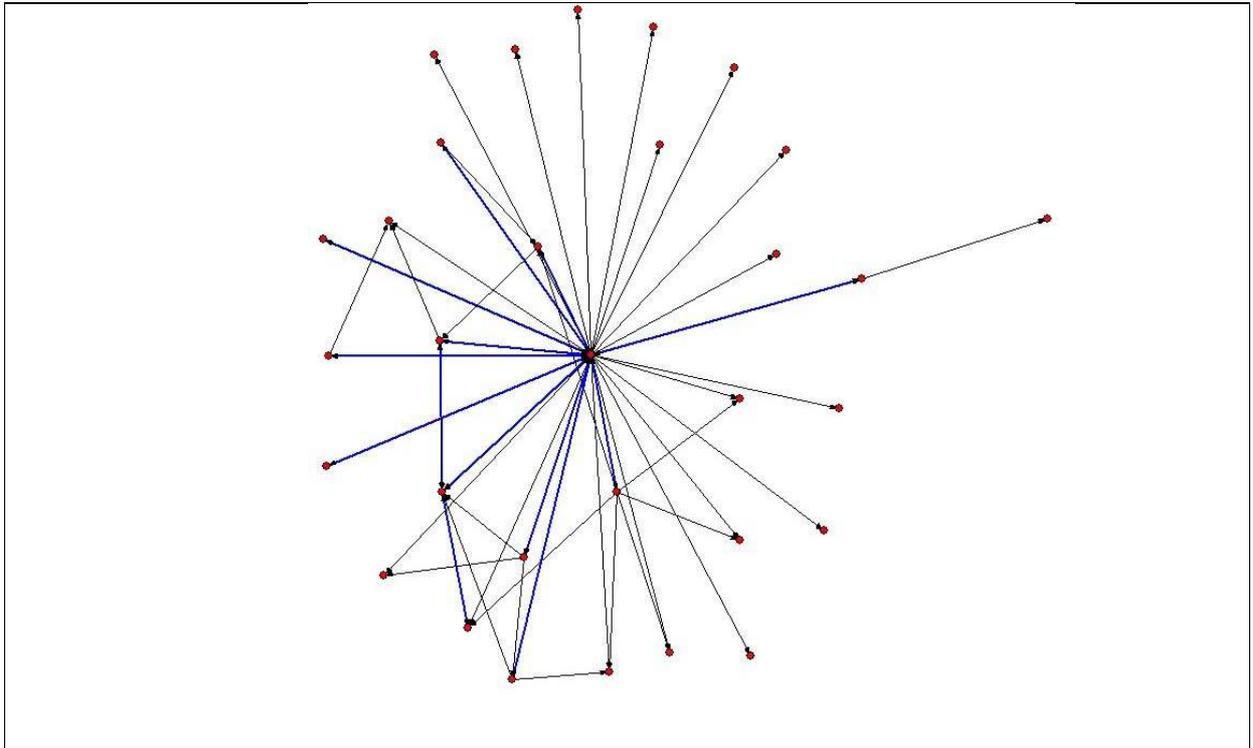


Figura 25: Egonet do blog *Sexoverdade.blogspot.com* com 29 nós.

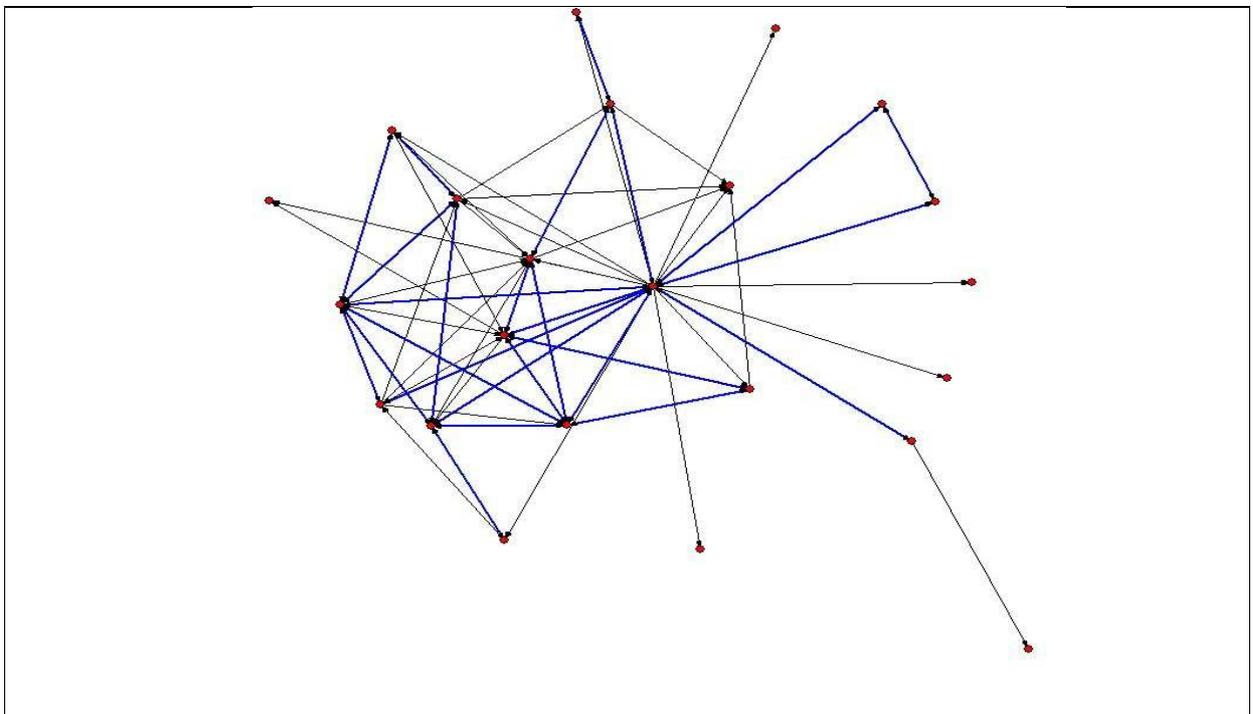


Figura 26: Egonet do blog *Garotanaweb.blogspot.com* com 20 nós.

Essas conexões entre o primeiro e segundo nível são chamadas de *Egonet*, ou redes ao redor do ego (um ator). Por definição, as redes estudadas neste trabalho têm um ego como origem. No entanto, a rede social pode ser interpretada sem a participação do Ego. As redes que existem independentemente do Ego são chamadas de *Socionet*. As *Socionets* mostram os caminhos periféricos de contato entre os pontos de uma rede, não somente dependendo de um centro que as canaliza. Assim a rede social pode mostrar seu potencial de descentralização quanto maior for sua *Socionet*. Uma das conseqüências da *Socionet* são os nós isolados, que só tinham participação na rede por causa do Ego. Estes, isolados, estão excluídos da rede, pois perderam sua conexão com a macroestrutura. Quando mais pontos isolados aparecerem, mais centrada no Ego será a rede (figura 33).

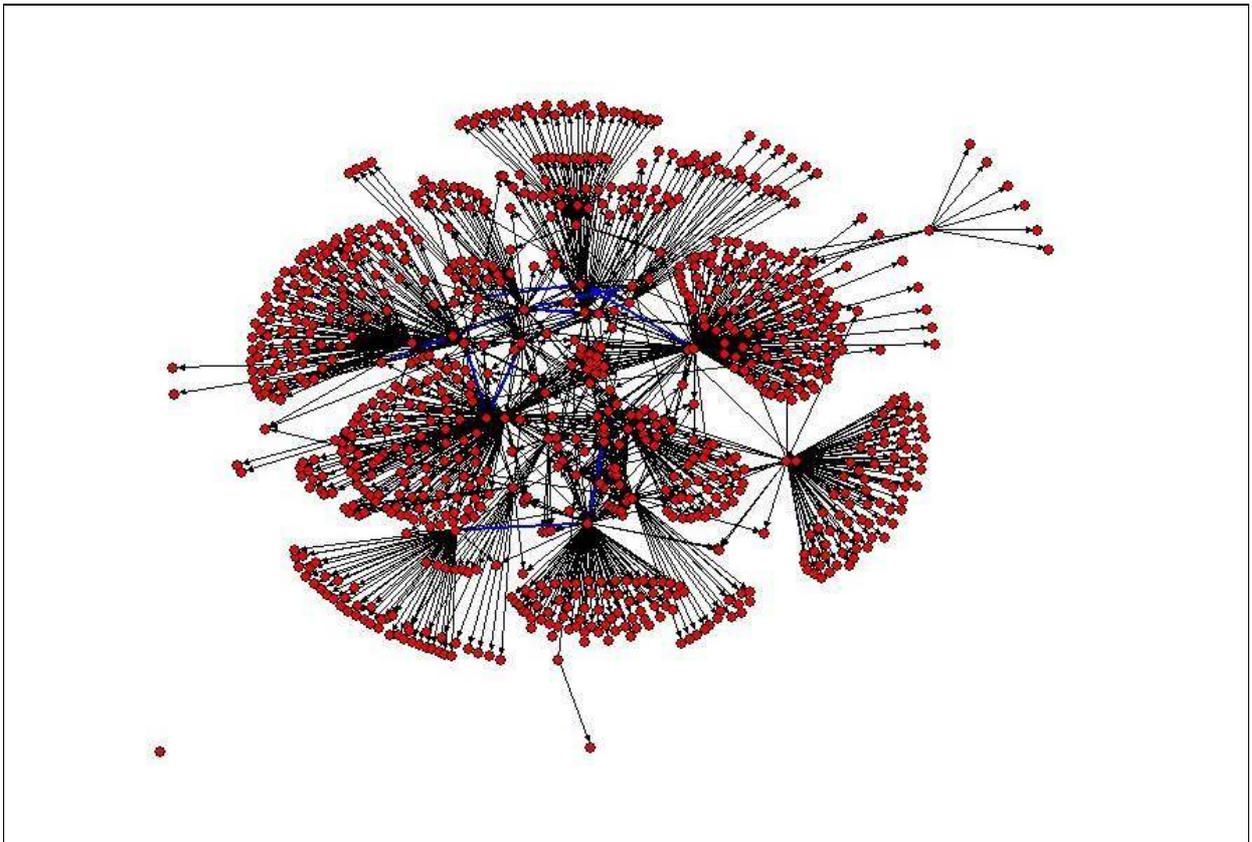


Figura 27: *Socionet* do *blog* danielsantos.org. Um *blog* isolado.

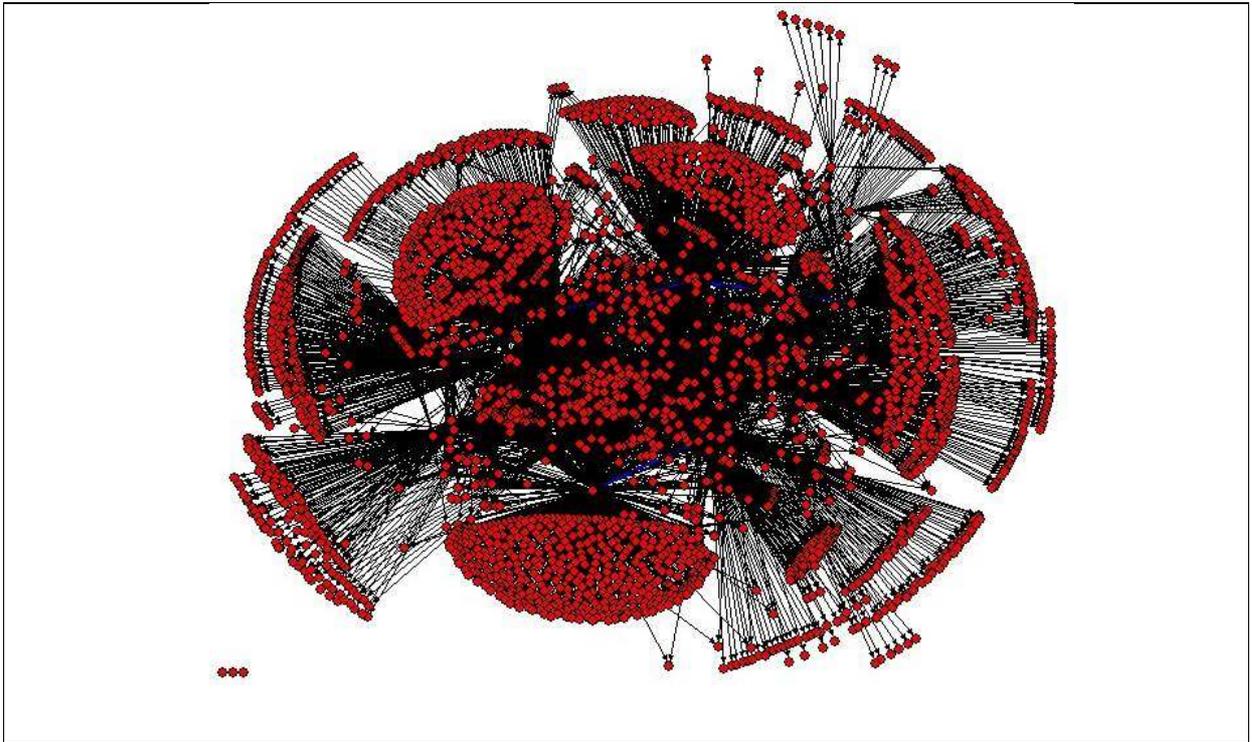


Figura 28: Socionet do *blog* aliaolado.blogspot.com. Três *blogs* isolados.

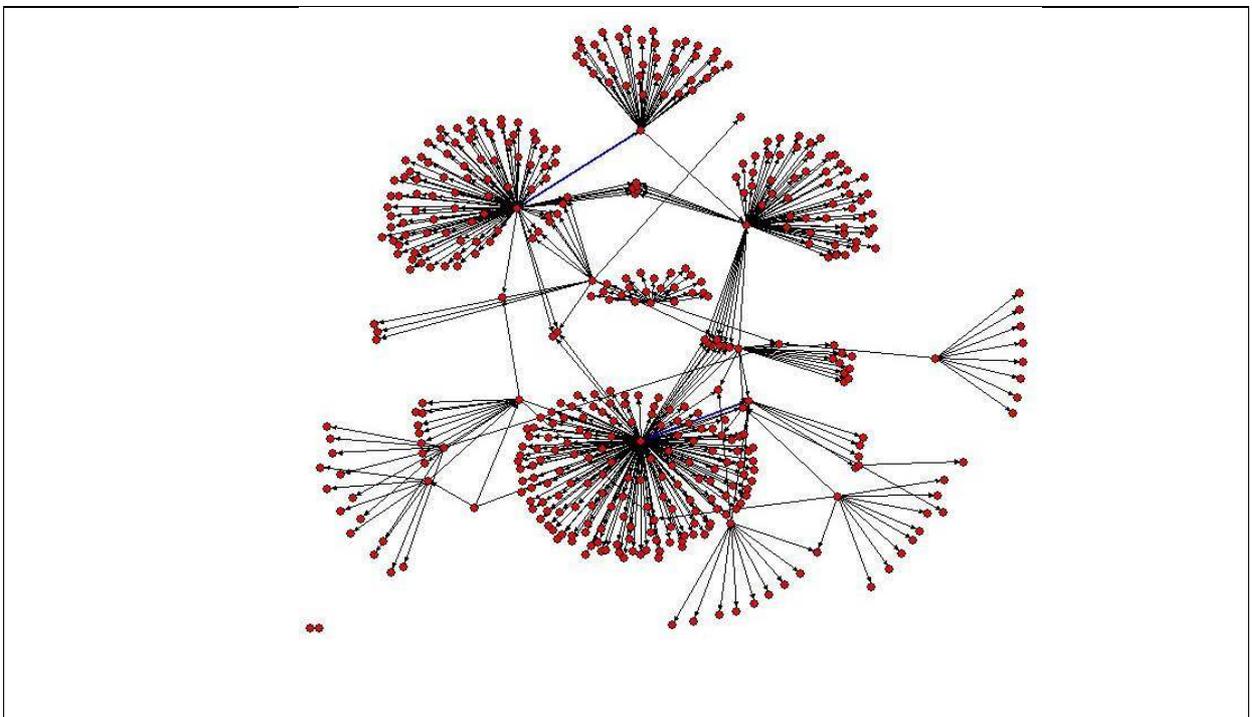


Figura 29: Socionet do *blog* golblogfc.blogspot.com. Dois *blogs* isolados.

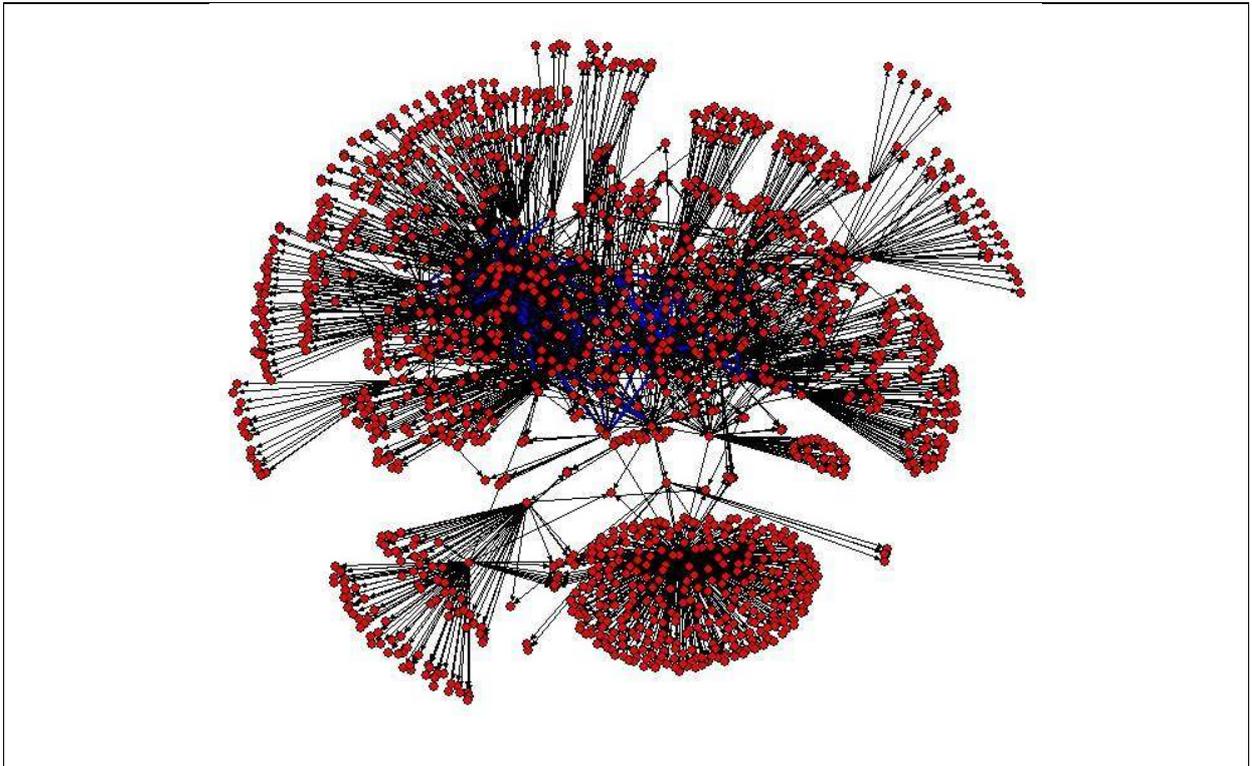


Figura 30: Socionet do blog *nemersonlavoura.blogspot.com*. Seis *blogs* isolados.

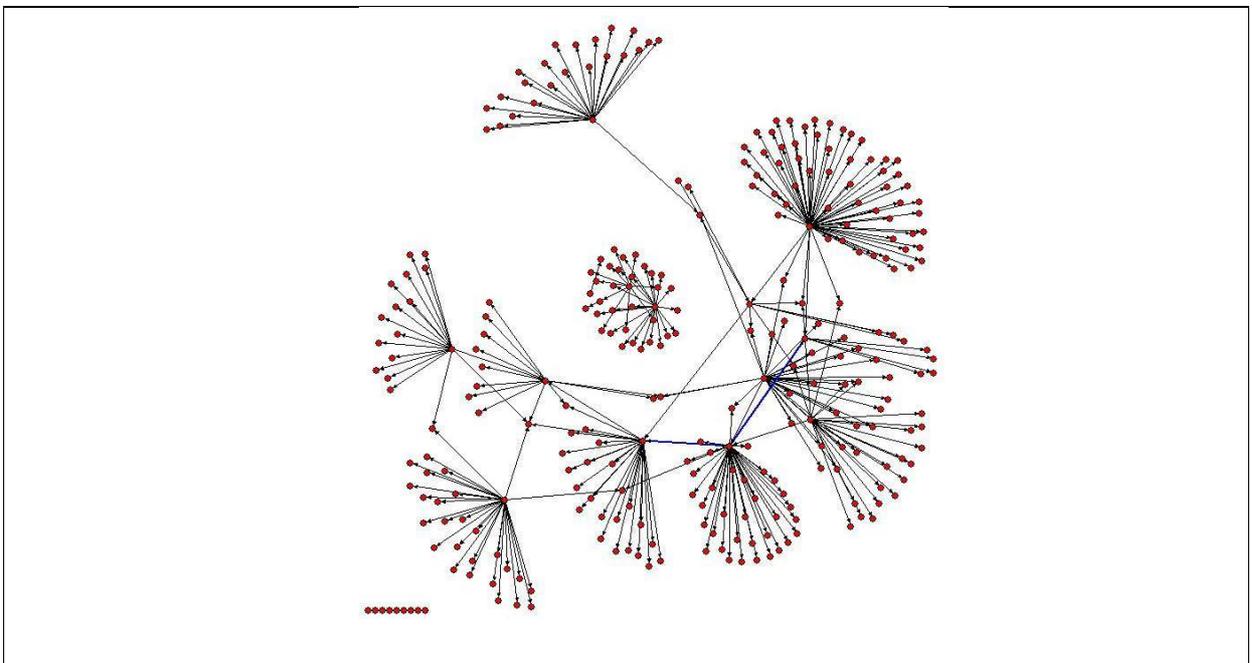


Figura 31: Socionet do blog *sexoverdade.blogspot.com*. Nove *blogs* isolados.

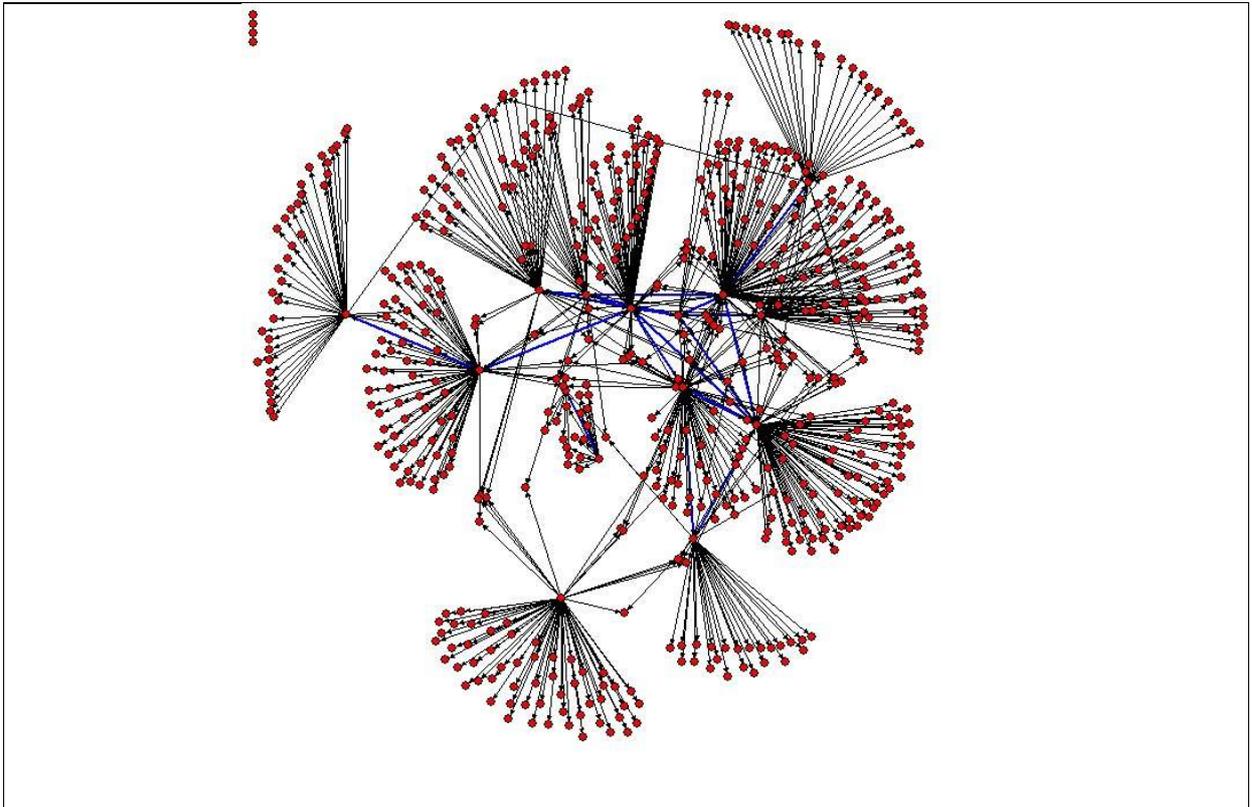


Figura 32: Socionet do blog garotanaweb.blogspot.com. 4 blogs isolados.

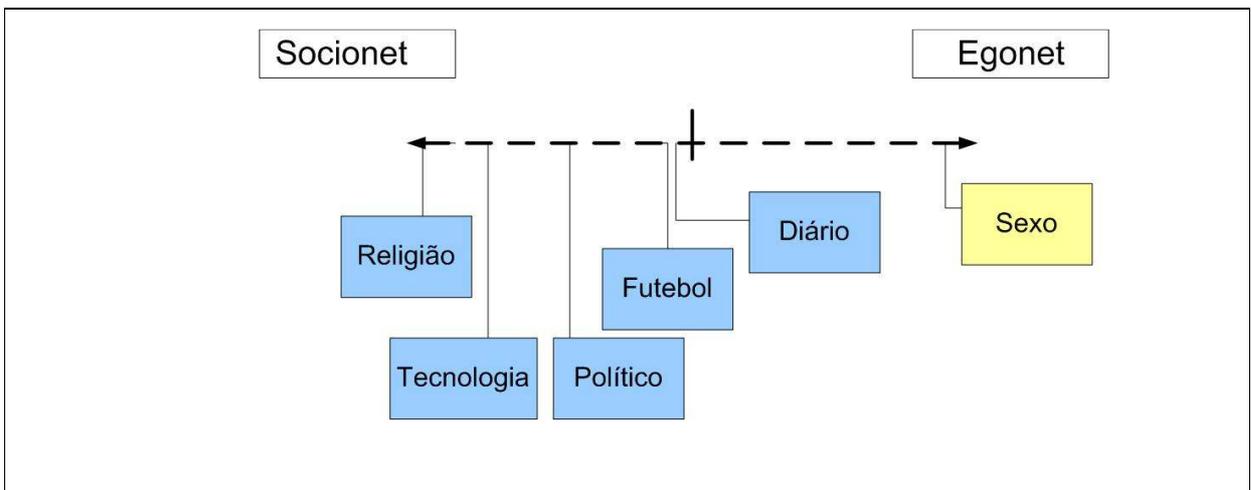


Figura 33: Relação proporcional Socionet-Egonet encontrada dos blogs analisados por temática conseguida pela relação entre os isolados e o total de nós na rede.

Cada um desses blogs relacionados se conectam diretamente com inúmero outros, inclusive entre si. Entendendo que esta análise está limitada apenas a tríades, um esquema com as possibilidades de nós pode ser visto na figura 34. Os *blogs* Danielsantos.org e Nemersonlavoura.blogspot.com configuraram todas as formas de nós possíveis. Já o Aliaolado.blogspot.com, Garotanaweb.blogspot.com e Golblogfc.blogspot.com não conseguiram obter a configuração da figura 34-M. O Sexoverdade.blogspot.com não obteve as formas 34-J, 34-K e 34-M. Todas as formas abertas foram encontradas nos blogs analisados. Somente algumas fechadas não apareceram em todos.

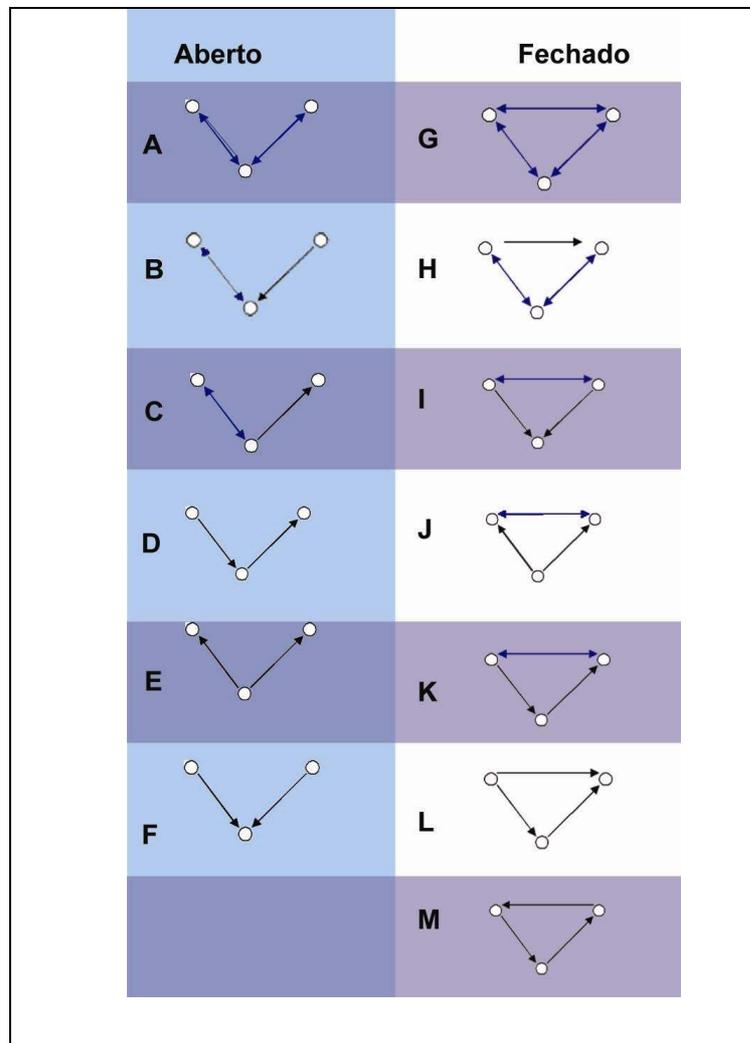


Figura 34: Tipos de conexões possíveis numa rede de *blogs*

A primeira questão levantada sobre os agrupamentos é se estes estabelecem uma forma fechada ou aberta na sua estrutura de rede. Aberta é verificada quando nem todos os pontos da tríade estão interconectados. A estrutura fechada denota uma relação a partir do qual cada ponto tem, pelo menos, uma conexão entre cada um dos pontos. A média densidade dos abertos (0,44) é menor que a média da densidade estruturas fechadas (0,69).

A figura 8 está ordenada segundo a densidade. Nela os mais densos de cada uma das categorias (aberto ou fechado) aparecem em primeiro. A primeira forma de conexão é um "Intermediário com Laços Duplos" (figura 34-A), na qual um ponto mantém uma relação recíproca com outros dois, criando um elo entre eles. O leitor pode criar um caminho de qualquer um dos *blogs* utilizando o *blog* central como ligação. Em seguida temos um "Duplo com Simples Convergente" (figura 34-B): um ponto recebe uma conexão de um dos elementos e mantém um vínculo duplo com outro. Esta forma de conexão estabelece um caminho curto para o leitor, que não pode alternar do primeiro nó para o último. Como uma variação da direção do laço, temos o "Duplo com Simples Divergente" (figura 34-C), agora com um caminho maior – mesmo que unidirecional – entre os pontos.

As próximas conexões abertas não trazem mais a presença dos laços duplos. Tem-se o "Intermediário com Laços Simples" (figura 34-D), na qual um ponto serve de conexão para um terceiro, agora somente em uma direção. Nesse modelo é possível aplicar o conceito de laços fracos de GRANOVETTER (ver seção 1.3), segundo o qual um "conhecido" (no caso um referenciado) estabelece uma mediação com outro ponto. Depois, tem-se o "Simples Divergente" (figura 34-E): um ponto compartilha sua audiência com outros dois sem receber uma recíproca de nenhum deles. É similar a esse, mas com outra direção, tem-se o "Simples Convergente" (figura 34-F): dois pontos fornecem audiência para um sem receber um retorno. Essas duas formas são as que possuem menor caminho – laços para percorrer e chegar a outros pontos – de todos da figura 34.

Já entre as formas fechadas, a primeira forma de conexão é o "*Webring Duplo*" (figura 34-G). Todos os pontos da rede estabelecem laços duplos entre si. Esse modelo chega próximo ao conceito de comunidade, a partir da proximidade que estes laços favorecem. Em seguida, tem-se o "2-Duplos com simples" (fig. 34-

H). Nele existe, dentro de uma estrutura fechada, um laço simples entre dois pontos. É parecido com o “Intermediário Duplo” mas com adição de um laço simples. Depois, observa-se o “Duplo Convergente” (fig. 34-I), que agrupa, em um ponto, a audiência de outros dois, que são interligados por um laço duplo. O “Duplo Divergente” (fig.34-J) é similar, no entanto são os pontos que têm laço duplo que recebem um vínculo do terceiro externo. No “Duplo com Intermediário Simples” (fig.34-K), tem-se outra forma de criar o caminho existente no laço duplo: através de um intermediário com laço simples.

Para finalizar as formas Fechadas, tem-se o “Simples com Intermediário Simples”, a partir do qual um destino pode ser alcançado por dois caminhos diferentes compostos por laços simples. E o último, o “Webring Simples”, denota uma rede fechada na qual cada ponto referencia outro sem ter um retorno direto das ligações, atuando somente com intermédios.

A partir dessas formas de conexão, é possível analisar os dados a partir de um conceito próximo ao de GRP (*Gross Rating Points*). GRP é, segundo SANT’ANNA:

“A soma dos índices de audiência de um determinado período. É estabelecido tendo em vista a cobertura (...) e a frequência da mensagem (...). Esta ferramenta de medida publicitária ajuda a definir a quantidade de exposições para um determinado público a uma mensagem. (...) GRP é a audiência acumulada das audiências de uma programação num veículo ou grupo de veículos publicitários, considerando-se a superposição.”

Como não se pode comprovar nas mídias de massa quando uma mensagem foi realmente recebida, trabalha-se com o conceito de exposição à mídia. Assim, o mínimo que se pode esperar de uma mídia é que o público – no caso publicitário, público-alvo – seja exposto à comunicação. Logo, trabalha-se com o conceito de cobertura, que diz, através de dados estatísticos (ex. IBOPE, MediaRatings...), qual a participação do público em determinado canal/horário/programa. Multiplica-se isso pela frequência em que a mensagem é repetida, acumulando-se os resultados de exposição à mídia em um determinado período (figura 35). Se um dado

programa tem 70% de audiência do público e um dado anúncio é veiculado três vezes em um dia, neste horário, pode-se dizer que a comunicação teve GRP 210 (3x70) no dia.

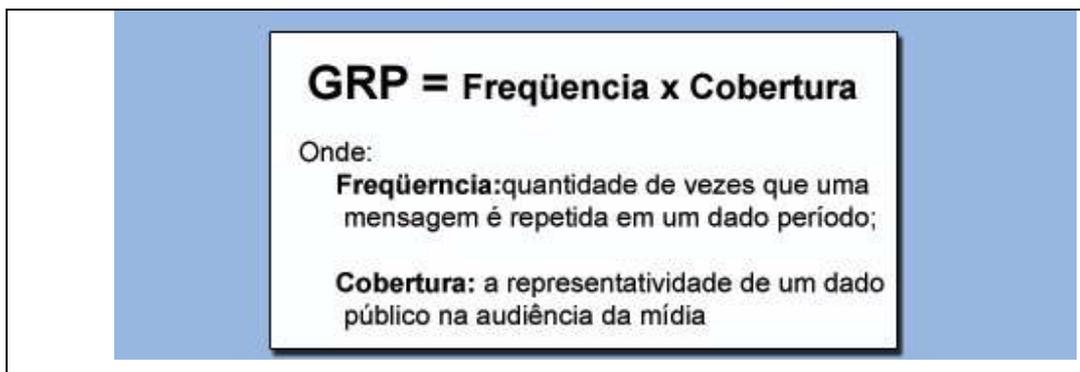


Figura 35: Relação dos componentes do GRP.

A mídia digital não pode ser exatamente medida como a convencional, no entanto o conceito de GRP poderia ser aplicado devido a seu princípio de acúmulo de audiências. No caso de uma rede social, poderemos determinar um GRP se acumularmos as audiências (leitores) dos *blogs* que recebem um laço direto e indireto para determinar a cobertura. Neste caso, tomaremos a frequência e período como fixos para método de análise, já que não importa uma análise pontual em um dado momento, e sim de potencial de mídia.

Para estudar o acúmulo de audiência, foi determinado um padrão para análise das mesmas. Os leitores de um *blog* "A" são chamados de *audiência direta* deste. Se este *blog* "A" possui um vínculo com outro, "B", sua audiência vai ser considerada como *audiência indireta* de "B", já que nem toda audiência de "A" tem a intenção de seguir o vínculo e ler "B". No entanto existe quem o faça. E se o *blog* "B" possui um vínculo com outro chamado "C", referente a "C", a audiência de "A" seria uma *audiência indireta de segundo nível*, composta pelo conjunto dos leitores que leram "A", leram "B" e - a partir de "B" - chegaram a "C". Também estão determinados, como universo desta análise, somente dois níveis de audiência, uma vez que as redes podem acumular inúmeras audiências indiretas de inúmeros graus.

É importante ressaltar a premissa segundo a qual a audiência direta de um *blog* é sempre maior que sua indireta, que por sua vez é maior que a indireta de segundo nível. Para representar essa ordem (figura 36), convencionou-se definir a audiência direta com letras maiúsculas (ex.: A); a indireta, com minúsculas (ex.: a); e a indireta de segundo nível, com uma letra minúscula e o sinal de suspenso (ex.: a#).

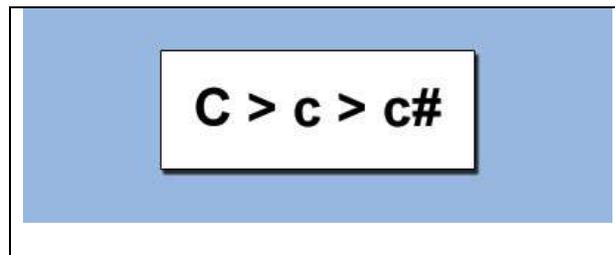


Figura 36: A escala de tamanho das audiências. A direta é a maior de todas para o mesmo blog.

Cada tipo de laço possui uma característica peculiar de acumulação de audiência. Das redes Abertas, o "Intermediário com Laços Duplos" (figura 37-A) mostra uma rede em que um ponto central (B) recebe mais audiência, mas que todos os pontos a compartilham entre si. O "Duplo com Simples Convergente" (figura 37-B) possui um ponto que não acessa às audiências dos outros participantes da rede, ficando fora do círculo da audiência, porém compartilhando sua audiência. O "Duplos com Simples Divergentes" (figura 37-C) favorece uma situação na qual dois pontos são próximos e um terceiro recebe um acúmulo deles, sem, no entanto, compartilhar com a rede.

O "Intermediário com Laços Simples" (figura 37-D) trazem a dinâmica da alienação da audiência: um ponto tem apenas uma ligação simples com outro, mas, com a escala de tríades, o último ponto da rede acumula todos passos da mesma. Esta alienação é o fundamento do conceito de Força dos Laços Fracos, de Granovetter, segundo a qual um ponto da rede, por interesse, atravessa a relação de personalidade (laço direto) e consegue uma macroescala (laço indireto). O "Simples Divergente" (figura 37-E) é uma configuração em que não existe elemento de alienação: os pontos são basicamente unidos por conexões diretas, têm somente com um distribuidor comum. O "Simples Convergente" (figura 37-F)

apresenta a seguinte situação: dois pontos da rede contribuem para o outro sem receber nenhuma conexão de volta ou parte de audiências. Nas redes Fechadas, a primeira forma é o “*Webring Duplo*” (figura 37-G). Cada um dos pontos da rede compartilham audiências entre si, estabelecendo um equilíbrio na distribuição. Esta seria uma das formas de redes mais harmoniosas das analisadas, pois todos compartilham com todos na mesma quantidade e intensidade.

O “2-Duplo com Simples” (figura 37-H) se parece com a configuração do *Webring duplo*, no entanto uma conexão simples cria uma audiência de segundo nível com um dos pontos, favorecendo a alienação. Em seguida, o “Duplo Convergente” (figura 37-I) cria uma situação na qual dois pontos que têm um laço duplo se conectam com um terceiro que não traz uma recíproca. Seriam como dois amigos que indicam alguém que não é necessariamente seu amigo.

O “Duplo Divergente” (figura 37-J) caracteriza um ponto que cede audiência para uma relação dupla e não tem nenhum retorno. O “Duplo com Intermediário Simples” (figura 37-K) mostra uma relação a partir da qual existe um caminho alternativo para tramitação de informações além do direto recíproco entre os pontos. Contudo, este caminho é de mão única, restando ao *feedback* vir pelo laço duplo.

O “Simples com Intermediário Simples” (figura 37-L) se assemelha ao Duplo com Intermediário Simples, mas sem o laço duplo que cria o *feedback*. Um dos pontos da rede não recebe parte da audiência por não haver este retorno. Por fim, o “*Webring Simples*” (figura 37-M). É uma estrutura circular de laços simples que cria o conceito de alienação recíproca. Nela, cada um dos pontos compartilha com os outros parte da sua audiência.

Depois de analisadas todas as formas possíveis de modelos de tríades, pode-se concluir que cada um dos tipos de nó gera uma nova forma de distribuição e acúmulo de audiências numa rede de *blogs*. E essas novas formas, por sua vez configuram uma estrutura para o trânsito da informação, ora distribuindo, ora impedindo o fluxo de comunicação. Esses formatos serão comparados mais profundamente na conclusão deste trabalho.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS ON-LINE NOS BLOGS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

Aberto	Fechado
A)Intermediário com Laços Duplo A↔B↔C A=A+b+c# B=a+B+c C=a#+b+C	G)Webring Duplo A↔B↔C↔A A=A+b+c B=a+B+c C=a+b+C
B)Duplo com Simples Convergente A↔B←C A=A+b+c# B=a+B+c C=C	H)2-Duplos com Simples A↔B↔C←A A=A+b+c# B=a+B+c C=a+b+C
C)Duplo com Simples Divergente A↔B→C A=A+b B=a+B C=a#+b+C	I)Duplo Convergente A→B←C↔A A=A+c B=a+B+c C=a+C
D)Intermediário com Laços Simples A→B→C A=A B=a+B C=a#+b+C	J)Duplo Divergente A←B→C↔A A=A+b+c B=B C=a+b+C
E)Simples Divergente A←B→C A=A+b B=B C=b+C	K)Duplo com Intermediário Simples A→B→C↔A A=A+b#+c B=a+B+c# C=a+b+C
F)Simples Convergente A→B←C A=A+ B=a+B+c C=C	L)Simples com Intermediário Simples A→B→C←A A=A B=a+B C=a+b+C
Legenda: → = Laço simples entre dois pontos; ↔ = Laço duplo entre dois pontos; C = Audiência direta do ponto C; c = Audiência indireta do ponto C; c# = Audiência indireta de segundo nível do ponto C.	M)Webring Simples A→B→C→A A=A+b#+c B=a+B+c# C=a#+b+C

Figura 37: Quadro com análises de audiência de acordo com a estrutura.

Uma nota importante em relação a essas redes é que elas, apesar de terem sido escolhidas isoladamente e sem nenhuma intenção de proximidade, possuem vínculos comuns. Assim, as redes podem se interconectar, gerando o que se chama *blogsphere*. A tabela 1 mostra a quantidade de nós comuns por cada blog.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

Tabela 1: Quantidade de blogs comuns entre as redes.

Blog	Tecnologia	Futebol	Sexo	Religião	Política	Diário
Tecnologia	-----	11	11	44	46	26
Futebol	11	-----	1	187	5	1
Sexo	11	1	-----	4	10	1
Religião	44	187	4	-----	181	7
Política	46	5	10	181	-----	7
Diário	26	1	1	7	7	-----
Total comum em	138	205	27	423	249	42

Não se torna relevante a quantidade de nós em comum. O mais importante é que tipo de laço existe entre estas redes. A lógica de rede permite dizer que todos os *blogs* estão na mesma rede. Como existem outras redes que também fazem esta mediação, pode-se dizer que a rede está totalmente interligada. Não se quer dizer, no entanto, que exista um caminho entre as redes. Somente indica que elas têm um denominador comum.

Além desta análise ainda existe a possibilidade de combinar tríades ou adicionar mais nós à rede, aumentando-a exponencialmente, isso, entretanto, não faz parte do objetivo deste trabalho.

3. Resultados da análise

3.1 A importância dos laços para a comunicação:

Ponderações

Como foi apresentado nas seções anteriores, as redes sociais configuram diversas formas de laço dentro de uma tríade. Cada uma das treze possibilidades de formação de tríades, em si, configuram uma nova forma de troca de informações entre os pontos. Se forem utilizadas as premissas de McLuhan, cada uma dessas formações pode trazer um novo padrão para a comunicação. Um exemplo poderia ser a relação entre o rádio e o telefone. Ambos transportam a voz, mas no telefone existe uma dinâmica recíproca que permite uma nova experiência cognitiva do usuário. Assim, os laços também irão ter propriedades que modificam a relação com o conteúdo, pois a reconfiguração pode gerar novas possibilidades de mídia ou não permitir outras.

Cabe, agora, entender de que maneiras essas configurações de laços implicam para a comunicação. Para ponderar essas análises, foram estabelecidos três critérios:

Fluxo de informação: é o uso do elemento "Componentes" da rede social como elemento de distribuidor de informação. Os Componentes são uma cadeia de conexões entre atores. Podem ser fortes ou fracos nas redes em que se considera a direção do laço. O Componente Forte é percebido quando numa linha de conexões, os laços estão na mesma direção. Isso atesta, para a comunicação, que é possível existir uma distribuição da informação de um ponto para o outro, através dos seus intermédios. A informação pode ter uma maior repetição entre os pontos da rede, aumentando sua abrangência. Já os Componentes Fracos se manifestam quando nem todo laço está na mesma direção. Assim existe um ponto onde o fluxo de informação pára. A abrangência do fluxo diminui, mas existe uma maior concentração de caminhos num único ponto. Isso pode ser interpretado positivamente ou não de acordo com o uso. Por exemplo, para a publicidade seria ótimo que mais caminhos acabassem em um *blog*.

Força dos Laços Fracos (SWT): o elemento força dos laços numa rede, especialmente como apresentado por GRANOVETTER (1979). O autor afirma que existe um potencial social escondido nos laços fracos, nas relações indiretas, especialmente para trocas de informações. Esse aspecto de força dos laços fracos, para a comunicação, cria vínculos de uma proximidade fora do círculo mais próximo. São as informações que podem vir através de um terceiro elemento. Nesta análise, essas informações foram delimitadas como sendo audiência de segundo nível, simbolizada por um sinal de suspenso (#). Assim, verificar-se-a se num dos modelos analisados existe ou não esta informação alienada pelo intermediário.

Reciprocidade: distribuir informações não implica que a distribuição é uniforme e que cada um elemento da rede participaria tanto recebendo como doando informações. Um ponto de destaque para o presente estudo é a relação de reciprocidade, em que os atores envolvidos desfrutam de uma troca simétrica de valores. Novamente, não implica que, numa troca assimétrica, não haja um uso específico, mas apenas que existe uma possibilidade de reciprocidade. Na análise, acontece uma falta de reciprocidade quando um elemento não recebe nenhuma parte da audiência, fora a sua própria.

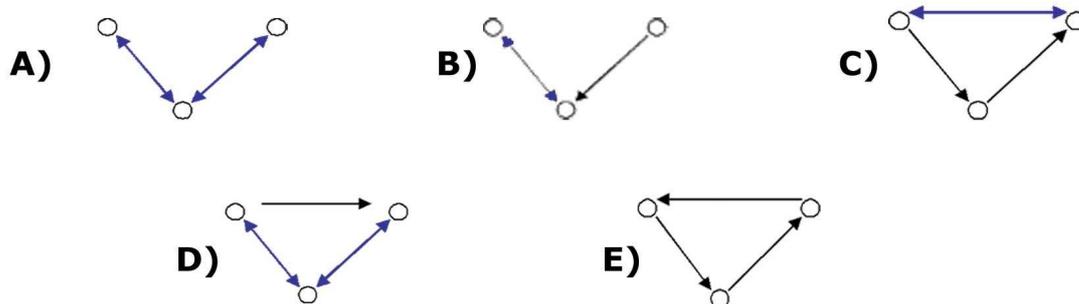
A partir dos tipos de laços definidos na seção 2.2.3 (figura 37), podemos criar uma tabela que relaciona os tipos de conexão com os critérios de cada uma das formações analisadas (Tabela 2).

Tabela 2: Fluxo, Força dos Laços Fracos (SWT) e Reciprocidade.

Estrutura aberta	Fluxo	SWT	Reciprocidade
Intermediário com Laços Duplos	Forte	Sim	Sim
Duplo com Simples Convergente	Forte	Sim	Não
Duplo com Simples Divergente	Forte	Sim	Sim
Intermediário com Laços Simples	Forte	Sim	Não
Simples Divergente	Fraco	Não	Não
Simples Convergente	Fraco	Não	Não

Estrutura Fechada	Fluxo	SWT	Reciprocidade
Webring Duplo	Forte	Não	Sim
2-Duplos com Simples	Forte	Sim	Sim
Duplos Convergentes	Forte	Não	Sim
Duplos Divergentes	Forte	Não	Não
Duplo com Intermediário Simples	Forte	Sim	Sim
Simples com Intermediário Simples	Forte	Não	Não
Webring Simples	Forte	Sim	Sim

Grupo A: Fluxo Forte, SWT e Reciprocidade presentes.



	Estrutura	Fluxo	SWT	Reciprocidade
A)	Intermediário com Laços Duplos	Forte	Sim	Sim
B)	Duplo com Simples Divergente	Forte	Sim	Sim
C)	2-Duplos com Simples	Forte	Sim	Sim
D)	Duplo com Intermediário Simples	Forte	Sim	Sim
E)	Webring Simples	Forte	Sim	Sim

Figura 38: Grupo A. Como todos os critérios presentes.

Agrupando os elementos pela sua classificação dos critérios, foram alcançados cinco grupos distintos, cada um com uma característica diferente.

Primeiro o grupo A (figura 38), que envolve os tipos de laço que possuem Fluxo Forte; uma relação de Força dos Laços Fracos (SWT); e possuem reciprocidade. Este é um grupo no qual todas as variáveis estão dispostas de forma positiva, pois a informação não tem limitação de circulação. Existem contribuições de terceiros no grupo e todos os participantes recebem um pouco da audiência do todo.

O segundo grupo (figura 39) é formado por modelos que não possuem reciprocidade, somente Fluxo forte e Força dos Laços Fracos. Existe um fluxo de informação numa direção e uma participação de pessoas de fora do grupo inicial, no entanto existem pontos na rede que não recebem audiência dos outros. Assim, podemos dizer que existe uma assimetria na distribuição da audiência.

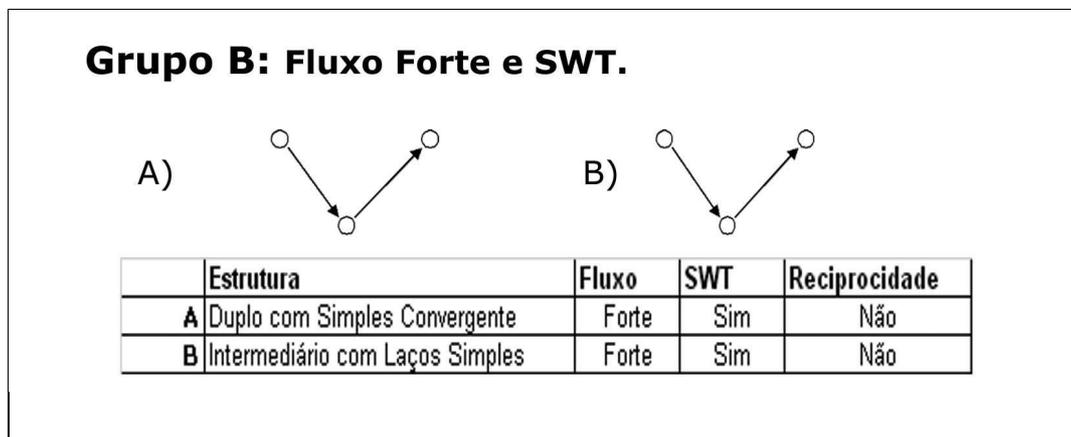


Figura 39: Grupo B. Fluxo Forte e a Força dos Laços Fracos (SWT).

Em seguida, temos o Grupo C (figura 40). Nele existe um Fluxo Forte e Reciprocidade, mas não há o elemento da Força dos Laços Fracos. Todas as conexões são de pessoas de um grupo próximo que possui laços diretos com todos.

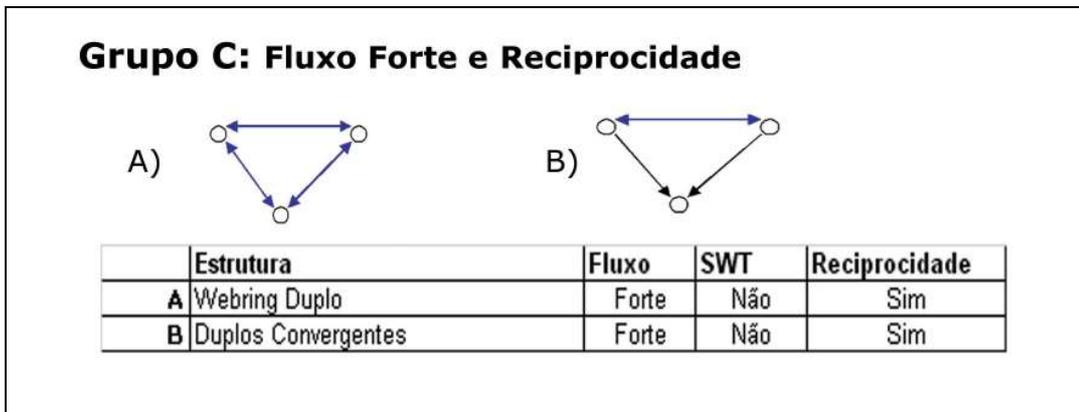


Figura 40: Grupo C. Fluxo Forte e Reciprocidade.

O próximo agrupamento, Grupo D (figura 41), traz somente o Fluxo Forte como característica. De uma certa forma, todos da rede estão interconectados, mas não existe uma Força dos Laços Fracos e nem todos os pontos recebem audiência do todo.

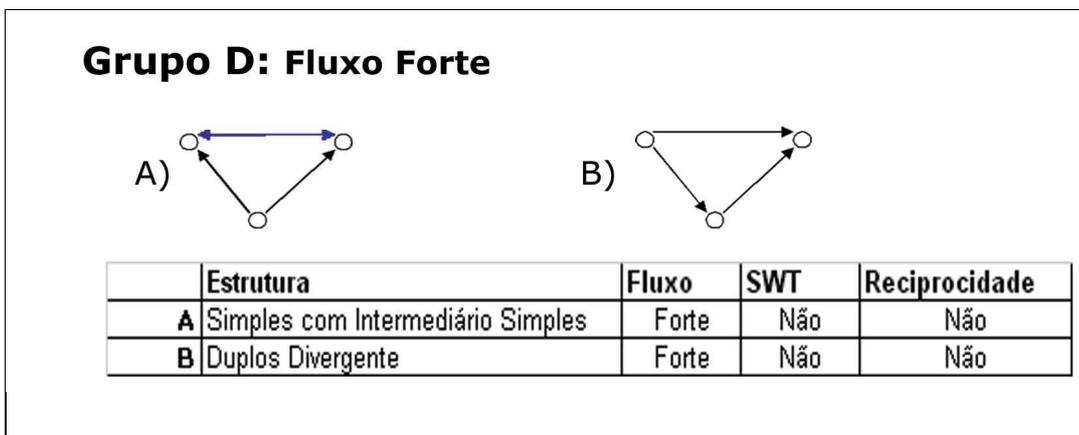


Figura 41: Grupo D. Fluxo Forte apenas.

Por fim, o Grupo E (figura 42), no qual o Fluxo é Fraco; não existe Reciprocidade; e Força dos Laços fracos. Este grupo caracteriza uma ponta da rede, onde não existe mais um caminho a se seguir. Assim, numa macroestrutura, os elementos desse grupo normalmente ficariam nas margens dos gráficos por sua pouca interconexão.

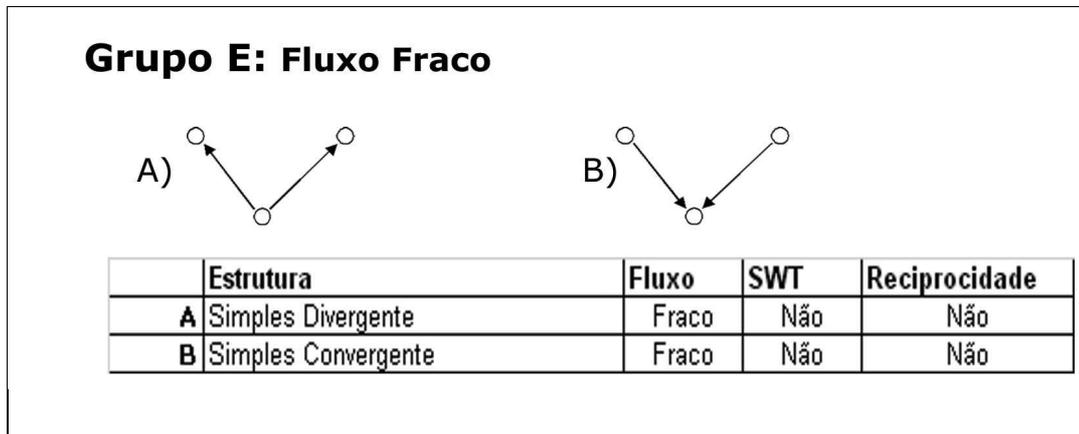


Figura 42: Grupo E. Fluxo Fraco apenas.

Esses grupos foram ordenados pela quantidade de critérios que eles possuem para a análise. Não cabe a essa ordenação um valor, seja crescente ou decrescente, para a comunicação. Cada agrupamento pode ser apropriado para uma dada estratégia, não existindo, assim, uma forma mais útil ou eficaz. Por exemplo, no Grupo E, a letra B é uma excelente alternativa se o ponto que recebe as audiências for um catálogo ou uma propaganda.

As contribuições desses modelos devem ajudar aos pesquisadores da comunicação a entender como as redes podem confluír ou não as informações. Além disso, podem servir como parâmetros para avaliação de um *website on-line* de acordo com os *links* (ou comunidades) criadas por ele e sua possível mudança para uma nova estratégia de comunicação.

3.2 Alcance e Interconectividade

Nas redes sociais, quantidade de nós não significa que a rede tem um grande alcance, nem que todos os pontos estão interconectados. Muitos dos pontos que estão numa rede podem estar dependentes somente de um centro, ou não possuírem um elemento que aumente as conexões fora do círculo mais próximo. O que não se pode negar, porém, é a quantidade de interconexões entre os diversos pontos nas redes analisadas neste trabalho.

Apesar de começarem num centro definido, as redes de *blogs* praticamente independem da centralidade que originou, conforme as imagens de Socionet e

Egonet analisadas (figuras de 21 a 33). A interconectividade entre os pontos de segundo e terceiro nível faz o marco inicial perder a importância diante da total descentralidade adquirida pela rede.

De acordo com a seção anterior, nem toda configuração de rede permite um fluxo de informação. Alguns têm a característica de cortar o fluxo. Outros podem adicionar um fluxo indireto para uma rede menor. E onde essas redes estão inseridas? Será que existem mais conexões do que as apresentadas?

Cada *blog* temático foi escolhido, e entre eles, nenhum citava diretamente o outro. Como foi visto (Tabela 1), isso não impediu que as redes se aproximassem e estabelecessem pontos em comum. Mas o que quer dizer ter pontos em comum para duas redes sociais? Isso influencia na sua amplitude? Aumenta as conexões?

A tabela 1 mostra que todos os *blogs* analisados possuem um vínculo entre si. Mas não explicita que tipo de relação existe entre as redes. Para melhor explicitar esse fenômeno, seria necessário juntar as redes para serem determinadas quais as relações entre elas.

Pela profusão de elementos, todas as redes juntas numa mesma interpretação não provêm um dado importante para a análise visual. Pouco consegue-se distinguir das redes que antes eram separadas e agora fundidas estão (figura 43).

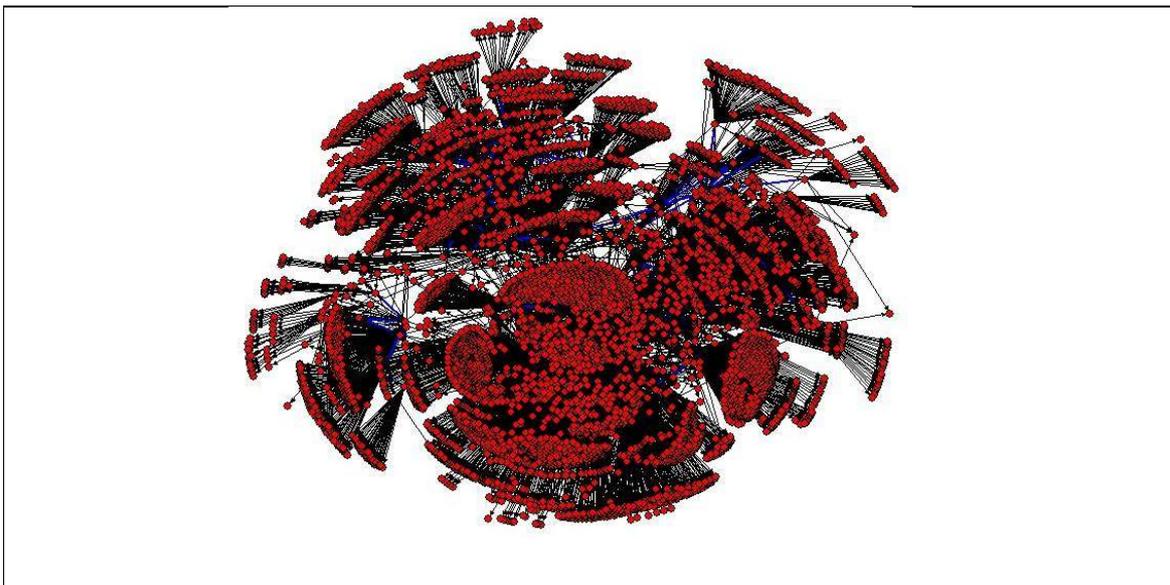


Figura 43: Todas as redes juntas em uma análise.

No entanto, pode-se juntar as redes em pares para analisar entre elas quais as relações que surgem. Será que as redes se interconectam? É possível migrar de qualquer rede para outra; inclusive de temáticas diferentes ou contraditórias? Quais serão as mais interligadas?

Como início de interpretação, escolheu-se o *blog* que tem mais nós e foram sendo feitos pares com os blogs. Em seguida, escolheu-se o segundo mais profuso, e assim, sucessivamente. Foram retirados os nós que não possuíam pelo menos dois *links* para melhorar a visualização. Como a intenção é mostrar a inter-relação entre as duas redes, um nó com só um *link* não faria uma conexão com o outro, logo não atenderia à necessidade. O primeiro par foi composto pelos *blogs* de religião e de política (figura 44). O diagrama mostra que existem *blogs* com laços duplos ligando os principais componentes das duas redes. Pode-se dizer que essas duas redes estão plenamente interconectadas. Qualquer pessoa de uma pode alcançar qualquer ponto da outra.

O segundo par foi composto pela temática de religião e tecnologia (figura 45). Essa relação mostrou um elo saindo da rede de religião e conectado à de tecnologia. Através desse laço, e somente desse, os leitores/autores da rede religiosa poderiam criar um caminho de sua rede para a tecnológica. A recíproca não é verdadeira: não existe um caminho no sentido contrário. Existem outros nós em comum, no entanto nenhum deles cria caminhos entre os dois *blogs*. Esses *blogs* configuram uma periferia do tipo "Simples Convergente", logo o caminho acaba nele. Uma das possíveis causas dessa limitação é o tamanho da análise, mas, mesmo assim, essa estrutura é muito recorrente, como será visto em outros *blogs*.

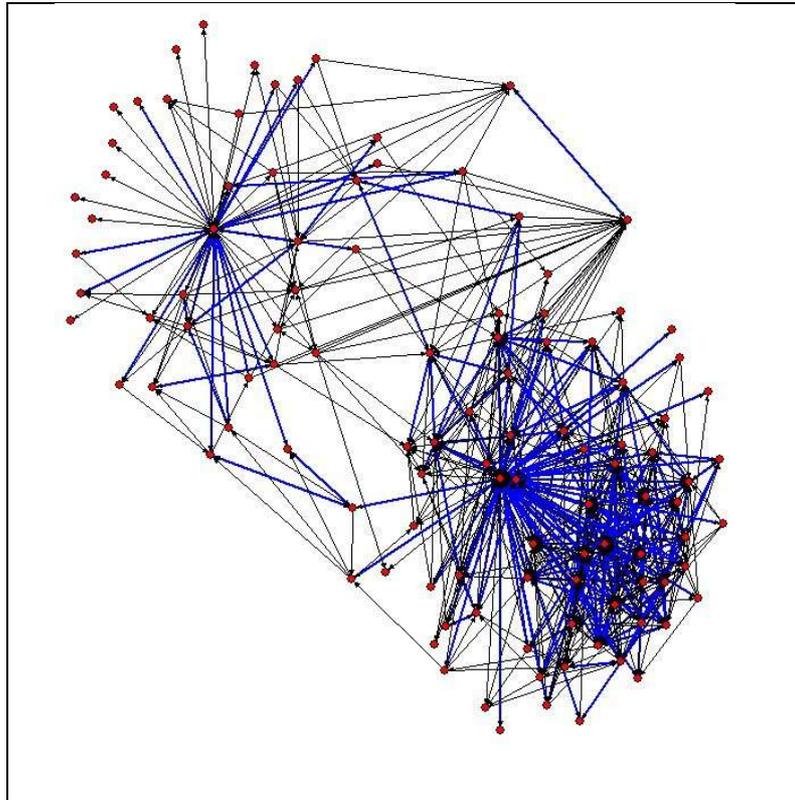


Figura 44: Inter-relação religião e política.

Em seguida, temos a rede religiosa com a do Diário Pessoal (figura 46). Essa rede possui sete pontos em comum, mas nenhum deles cria um caminho entre elas. Novamente a presença do “Simplex Convergente” para finalizar os limites das duas redes. Duas redes ligadas não podem trocar informações. Mais uma vez se reforça a idéia de que os tipos de laços condicionam a interação possível entre os elementos das redes, agora na relação inter-redes.

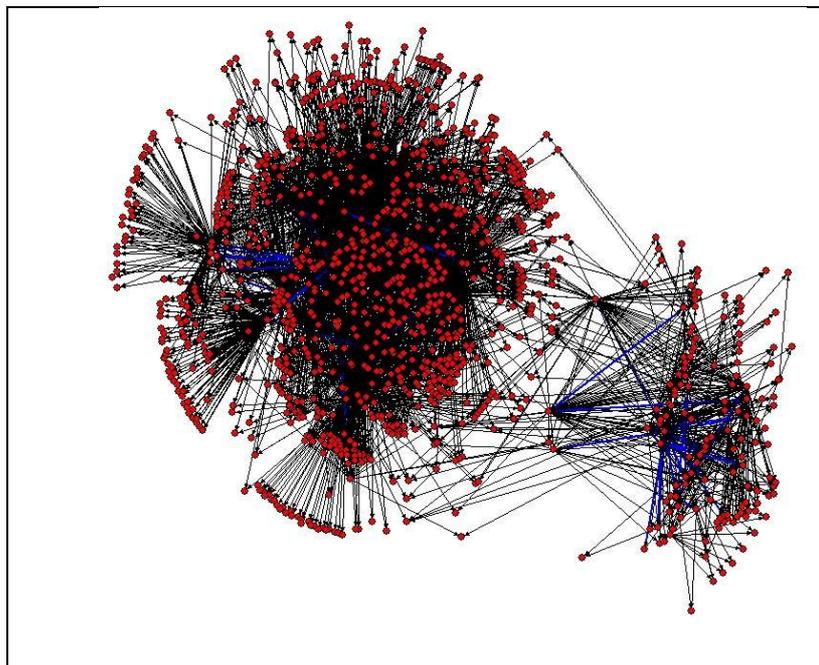


Figura 45: Inter-relação religião e tecnologia.

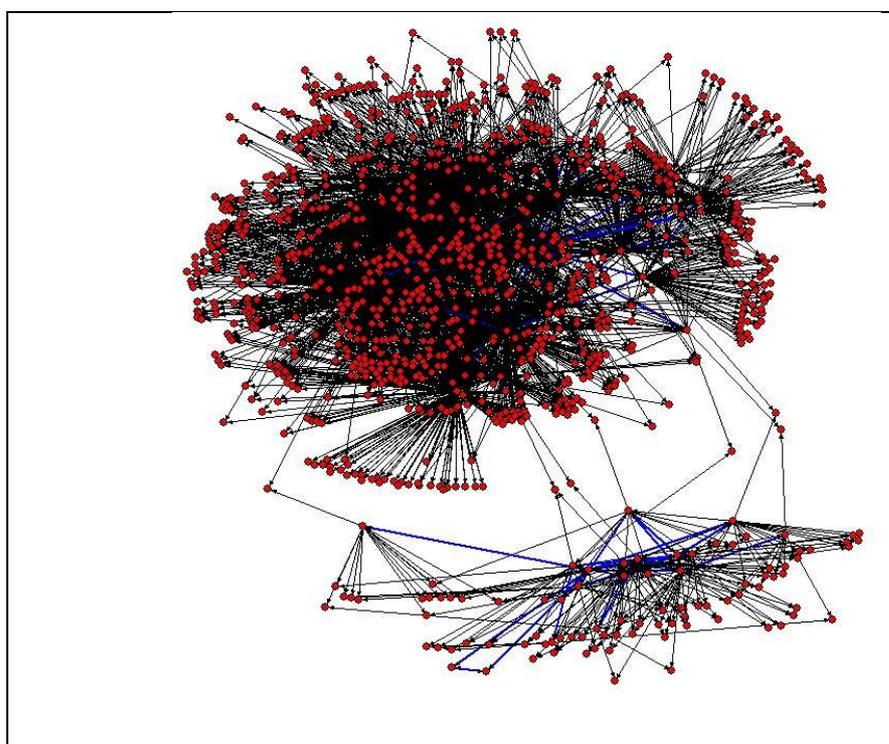


Figura 46: Inter-relação Religião e Diários Pessoais.

As próximas relações, entre religião – futebol e religião e sexo (figuras 47 e

48), têm a mesma característica de possuir um limite com Simples Convergentes, que cria uma fila de *blogs* em comum que não compartilham caminhos. Estar conectado não significa, nesses casos, ter acesso, mas somente ter um denominador comum. Esses denominadores comuns são grandes acumuladores de audiência, já que duas redes acabam neles.

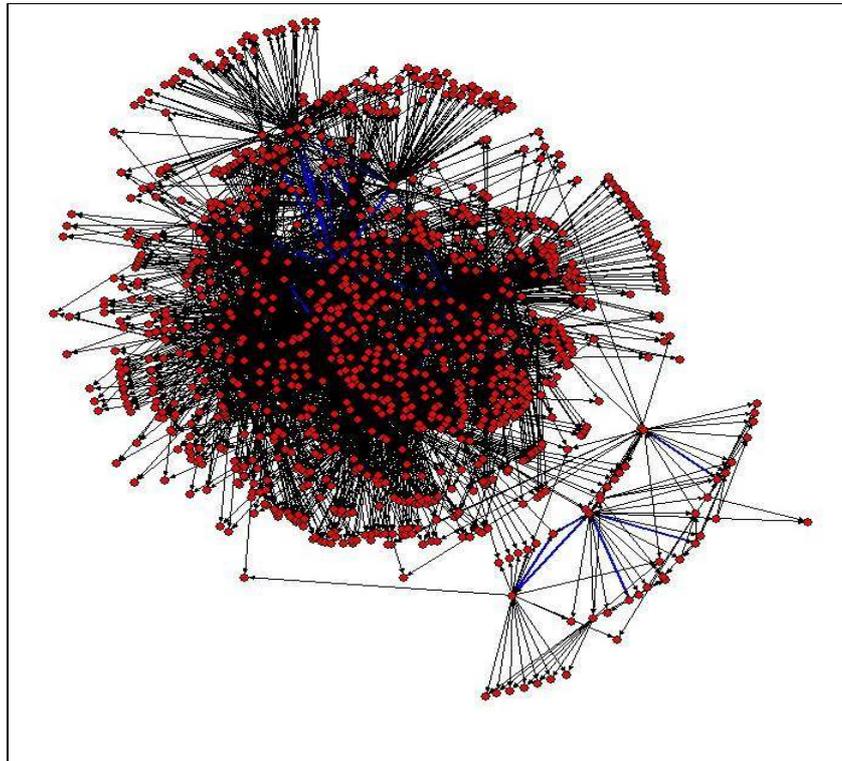


Figura 47: Inter-relação Religião e Sexo.

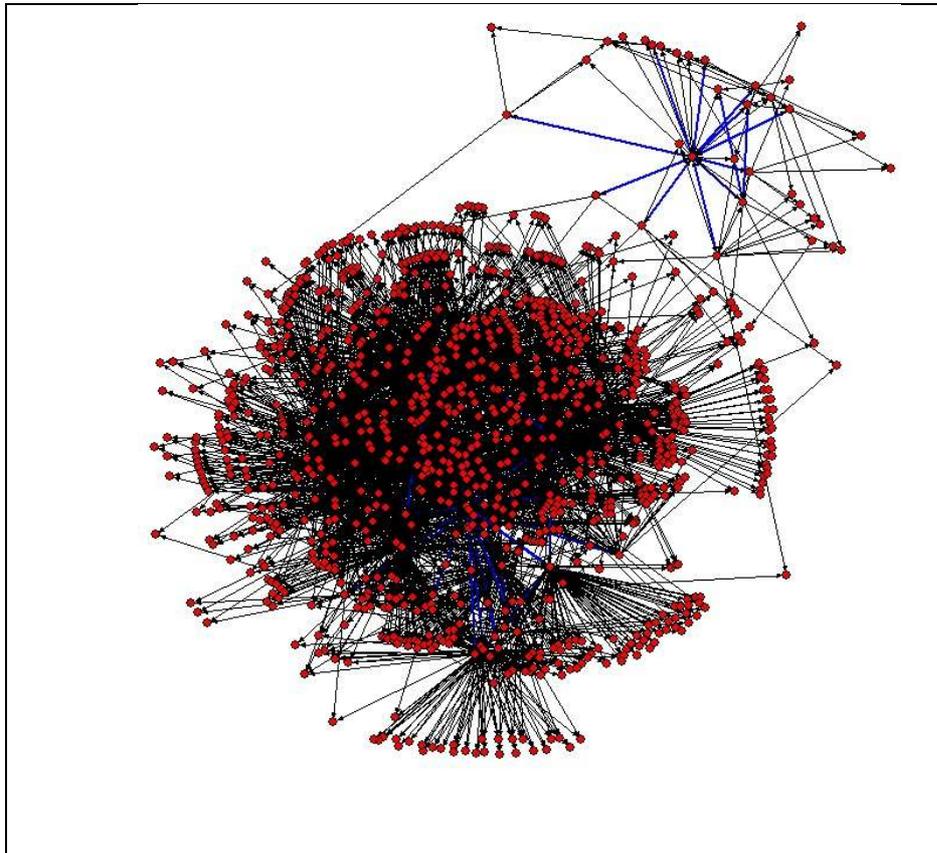


Figura 48: Inter-relação Religião e Futebol.

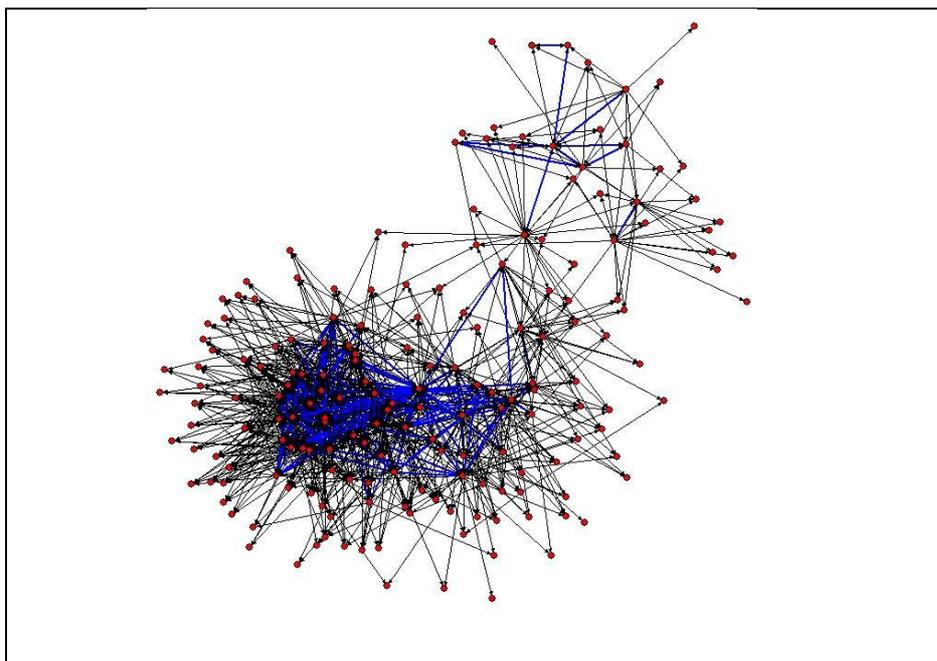


Figura 49: Inter-relação Política e Tecnologia.

Finalizada a integração da rede de Religião com as demais, pode-se continuar com o segundo *blog* com mais nós, o Político. O primeiro par será composto com a rede de Tecnologia (figura 49). Essas duas redes possuem um caminho em comum: no sentido do Tecnológico para o Político, ainda que sem caminho de volta. Agora, os nós de uma rede podem fluir novamente para a outra.

Depois, o par Política e Diários Pessoais (figura 50) também traz um elo unidirecional entre as duas redes. O sentido é do Diário para o político, que é menos interessante que o inverso: a rede de política teria mais para compartilhar em quantidade de nós e relações que os Diários.

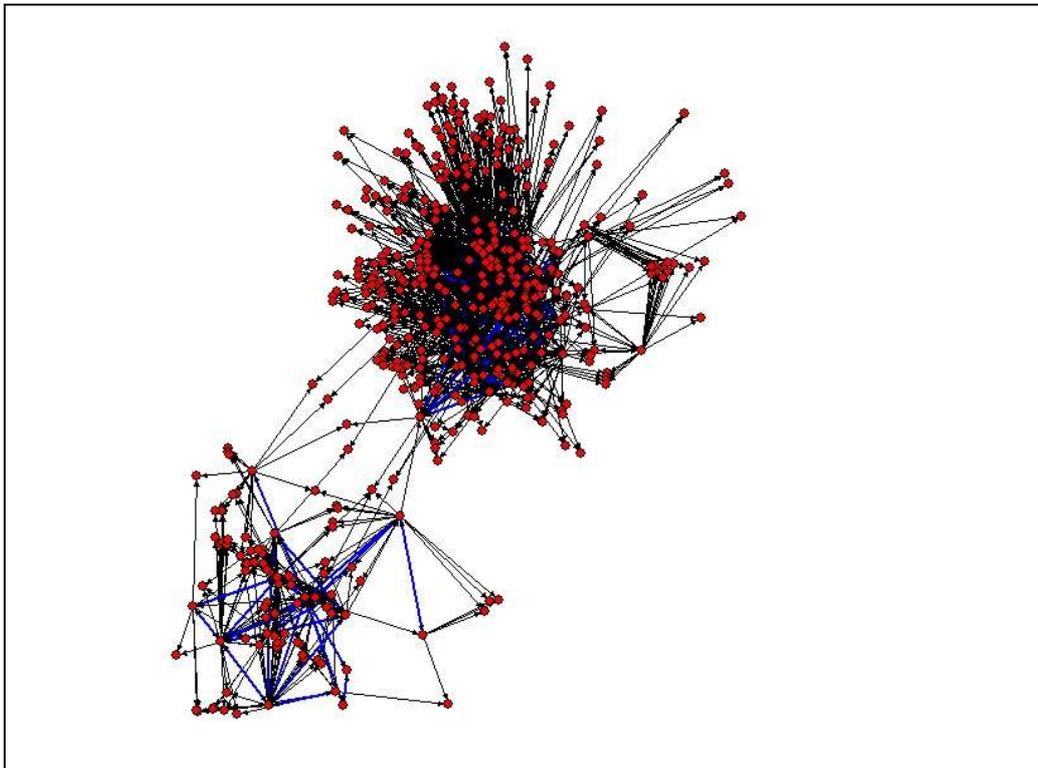


Figura 50: Inter-relação Política e Diários Pessoais

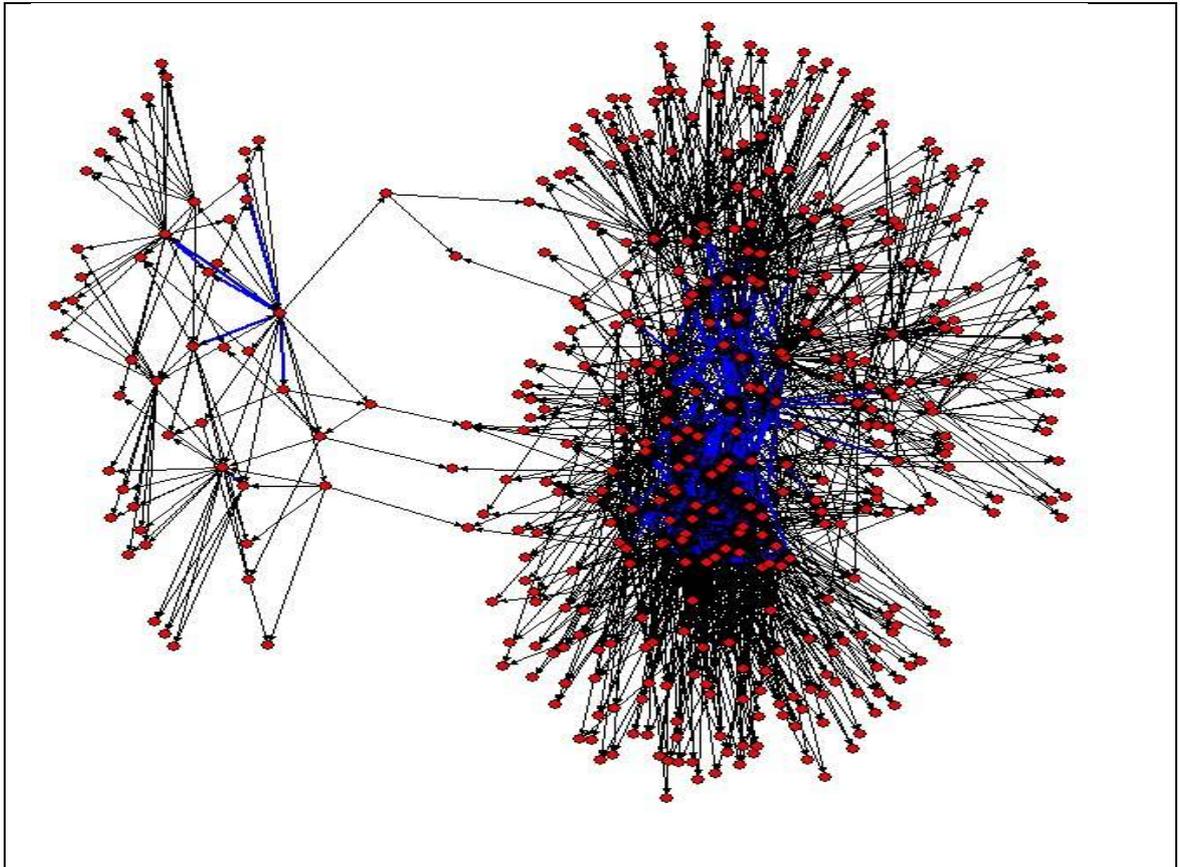


Figura 51: Inter-relação Política e Futebol.

A relação Político – Futebol (figura 51) cria novamente um caminho de *blogs* comuns, mas sem caminho entre as redes. As redes se tangenciam, no entanto não se cruzam. Nota para o papel dos “Simples Convergentes” na integração das redes.

Encerando o conjunto de pares com o *blog* Político, temos o par Política-Sexo (figura 52). Esse par está unido por um vínculo da rede Político para o Sexo. Novamente uma relação unilateral, na qual somente um elemento pode criar caminho com o outro, mesmo sem ter um retorno.

A próxima rede a ser usada como padrão será a tecnológica, a qual ainda tem três relações possíveis para finalizar suas interconexões. No entanto somente um dos três *blogs*, que ainda não se vinculou (Futebol, Sexo e Diário Pessoal), cria uma relação de caminho ou troca de informações. Isso não impede de haver pontos em comum, mas novamente se volta para os Simples Convergentes, cortando o fluxo.

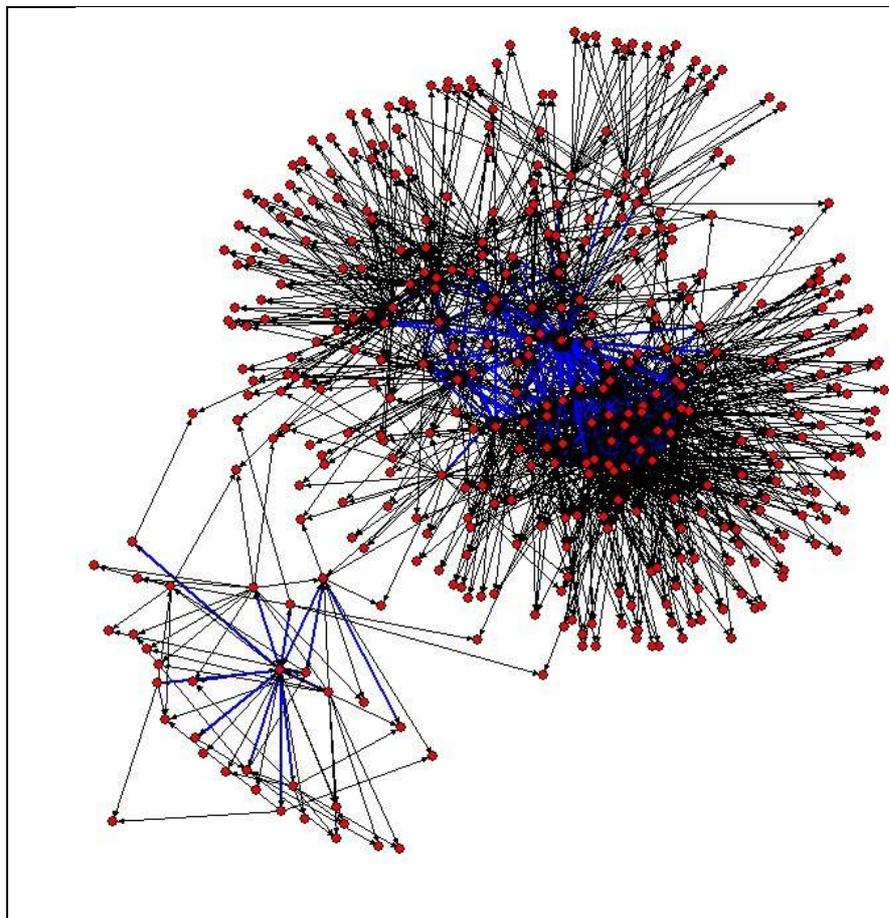


Figura 52: Inter-relação Política e Sexo.

Os pares Tecnologia – Futebol (figura 53) e Tecnologia – Sexo (figura 54) não possuem nenhum ponto que crie um fluxo de informações entre eles, somente uma série de pontos comuns que não adicionam nenhuma audiência à rede.

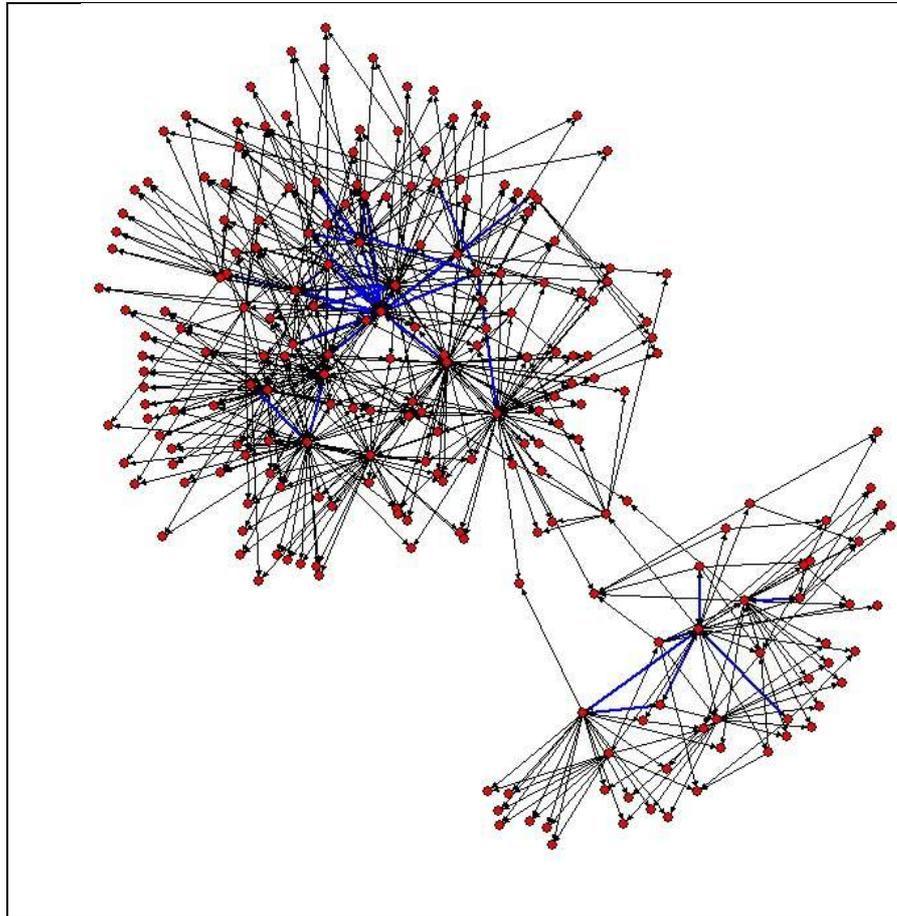


Figura 53: Inter-relação Tecnologia e Futebol.

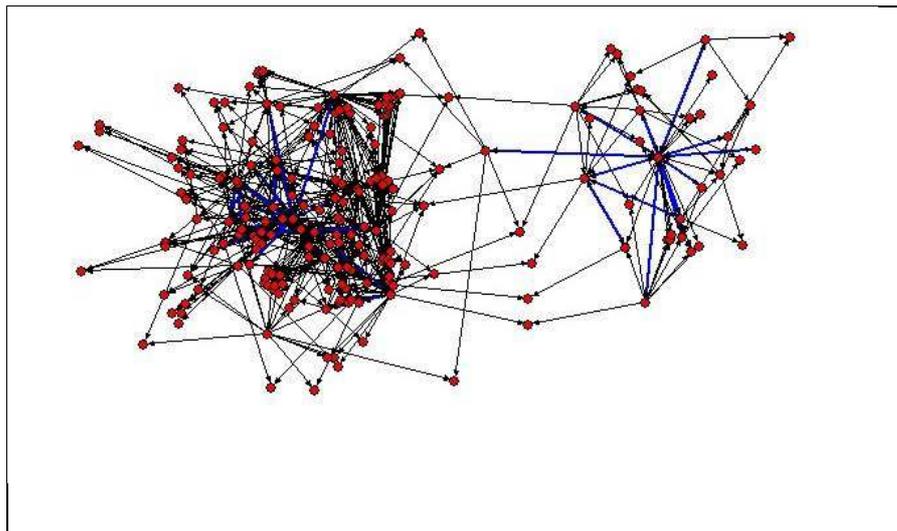


Figura 54: Inter-relação Tecnologia e Sexo.

O par Tecnologia – Diários Pessoais (figura 55) possuem uma relação direcional unilateral do tecnológico para o diário. Independentemente da quantidade de conexões, a grande diferença dessa conexão é o fato de existir um nó que conecta duas redes.

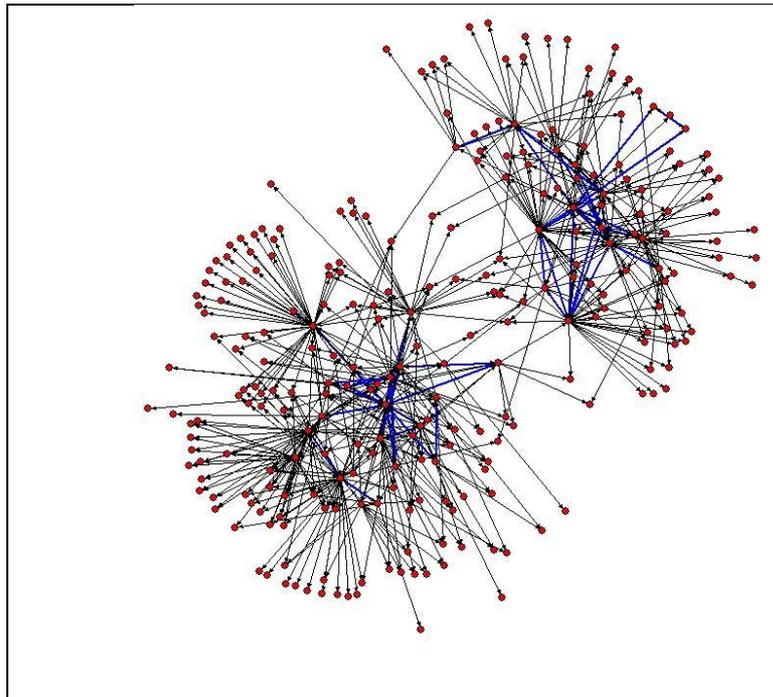


Figura 55: Inter-relação Tecnologia e Diários Pessoais.

Para finalizar essas inter-conexões, faltam apenas os pares Futebol – Sexo (figura 56), Futebol—Diário Pessoal (figura 57) e Sexo – Diário Pessoal (figura 58). Esses pares só possuem um *blog* em comum, e sua conexão é Simples Convergente. Nenhum dos três possui um vínculo entre si, somente intermédios que finalizam a rede.

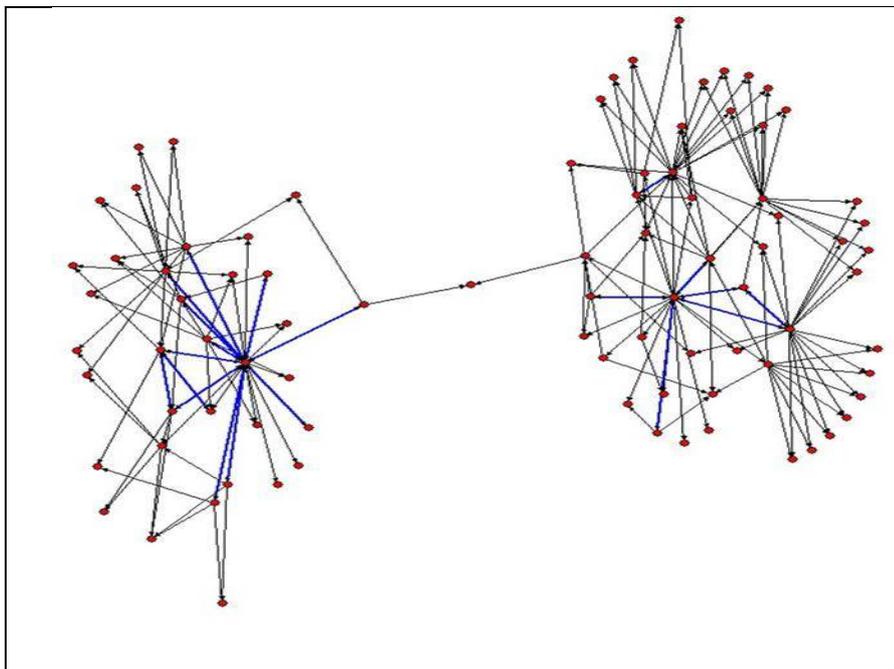


Figura 56: Inter-relação Futebol e Sexo.

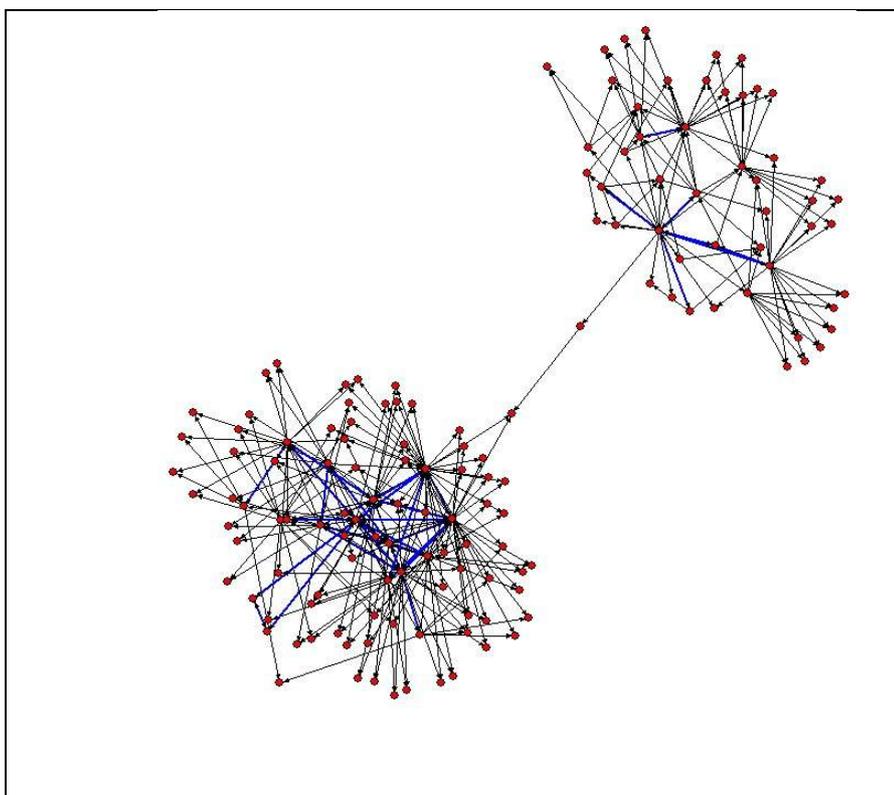


Figura 57: Inter-relação Futebol e Diários Pessoais.

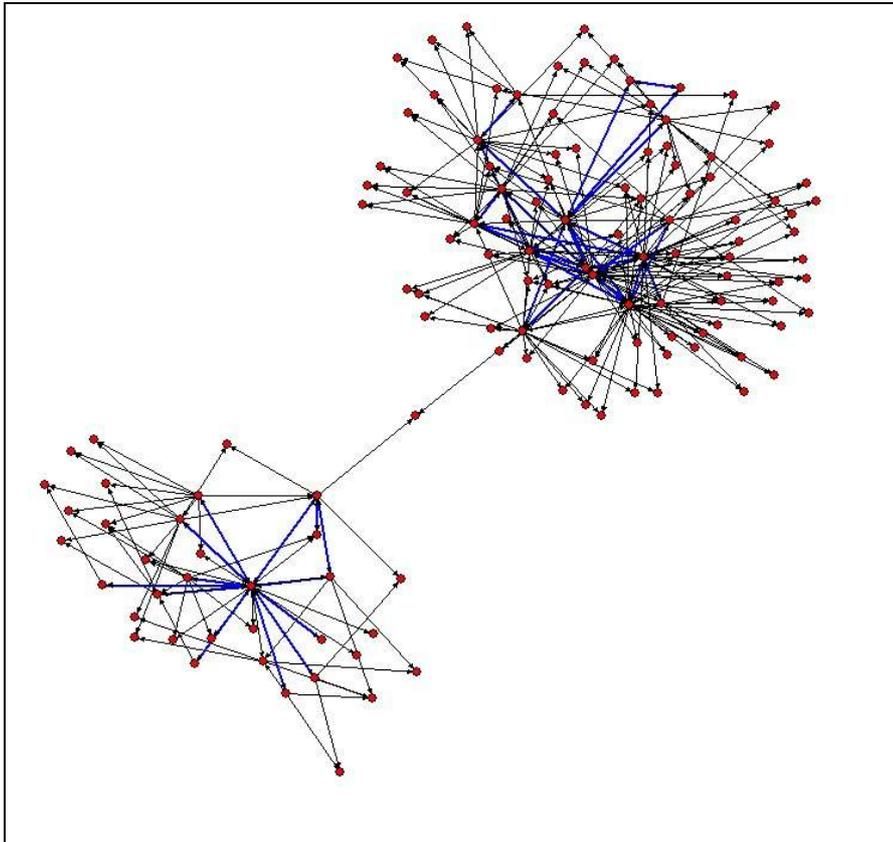


Figura 58: Inter-relação Sexo e Diários Pessoais.

Como resultado desse cruzamento de redes, temos um laço duplo entre duas redes (Religião \leftrightarrow Política), cinco relações direcionais (Religião \rightarrow Tecnologia, Tecnologia \rightarrow Política, Diários \rightarrow Política, Política \rightarrow Sexo e Tecnologia \rightarrow Diário) e nove relações com somente pontos em comum, sem caminhos (Religião \rightarrow \leftarrow Sexo, Religião \rightarrow \leftarrow Futebol, Religião \rightarrow \leftarrow Diário, Política \rightarrow \leftarrow Futebol, Tecnologia \rightarrow \leftarrow Futebol, Tecnologia \rightarrow \leftarrow Sexo, Futebol \rightarrow \leftarrow Sexo, Futebol \rightarrow \leftarrow Diário e Sexo \rightarrow \leftarrow Diário). As representações das redes sociais podem exprimir como atores não somente indivíduos, mas também agrupamentos, ideologias e culturas. Para representar esse resultado, foi criada a rede abaixo, na qual cada nó é, na verdade, uma rede de *blogs*. Esta representação corresponde ao conceito de *blogsphere*, espaço virtual onde os *blogs* se interconectam. Novamente, as formas de análise (ver figura 37) aparecem, ressaltando agora macrossocialmente a importância dos padrões estudados neste trabalho.

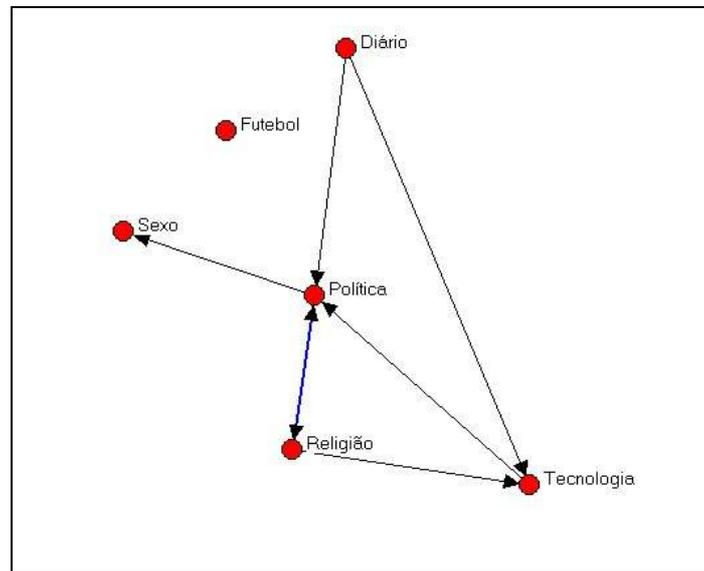


Figura 59: Resumo das inter-relações entre as redes. O blog de futebol ficou isolado por não possuir um caminho com nenhum blog.

3.3 Traceroute Social On-line

Uma rede de computadores pode ter o caminho que os pacotes de informações percorrem mapeado por um programa chamado *traceroute*. Esse programa marca um ponto de origem (o computador que disparou o comando) e mostra o caminho que os pacotes de informação percorrem para chegar a um dado destino. Cada nó é apresentado para delimitar por onde os pacotes de informação trafegam pela rede e qual o tempo que se gastou por eles para chegar até o final.

No entanto, numa rede de pessoas, a informação não necessariamente segue a rede estrutural. Existe, na verdade, um caminho feito pelos criadores-leitores da informação. E este caminho pode ser analisado por um *traceroute reverso* nos *links* de informação. Ao invés de fazer uma relação da origem para um ponto, far-se-ia uma volta dos *links* numa rede que apontam para um dado *blog*. A partir de então poder-se-ia buscar se essa informação veio a partir de uma rede social *on-line*. Com hipertexto, é muito fácil fazer *links* para outros pontos da rede, mas, se não for recíproco, não se torna possível saber a origem do fluxo informacional. Com a representação de uma rede como vista nesta análise, é possível, porém, perceber

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

quais correntes de informação acabam, passam ou se multiplicam. Somente era necessário criar o mapa da rede e delimitar a origem reversa da busca.

As redes sociais *on-line* podem servir para mostrar uma tendência ou um caminho que a informação seguiu, não só a que irá seguir. Assim, os comunicadores podem analisar qual a origem de um fenômeno social, como o que aconteceu com o Kibeloco no *post* da votação do jornal *La Nación* da Argentina.

4. Conclusão

No início desta pesquisa, havia sido proposto um estudo das comunidades virtuais como elemento da comunicação, especialmente no aspecto da troca de informações. Esperava-se encontrar um modelo ou forma de interpretar as comunicações *on-line*. No entanto, o conceito de comunidade virtual não estava sólido o suficiente para ser desenvolvida uma análise. Em alguns momentos, a idéia de comunidades virtuais se aproximava dos tradicionais conceitos de comunidades. Em contrapartida, na maioria dos casos, não havia conexões possíveis entre os conceitos.

Depois de um estudo bibliográfico, foi escolhida, como representação dos agrupamentos *on-line*, a teoria das Redes Sociais. Os teóricos das redes sociais (WELLMAN; SCOTT; EMIRBAYER) defendem uma estrutura social relacional na qual cada ator faz parte de uma rede que influencia e é influenciado ao mesmo tempo. Trata-se de uma micro e macroestrutura relacional que objetiva mostrar as forças sociais por meio das associações. Também é representada a multiplicidade de associações que um indivíduo pode possuir e como essas relações são importantes na busca de apoio, pertencimento e sociabilidade.

O que se entendia por Comunidade Virtual poderia agora ser expresso em termos de Redes Sociais *On-line*. Essas redes possuem atributos. Esses, por sua vez, poderiam atender à necessidade da análise. Uma comunidade, em seu sentido estrito, poderia ser descrita como uma rede social com muitos laços recíprocos e fortes. Já a comunidade que não tem uma aproximação tão formal, poderia ser definida como uma rede social de laços esparsos e fracos. Como foi visto nos estudos bibliográficos (GRANOVETTER,1983; EMIRBAYER; 1994), ser forte ou fraco não implica ser melhor ou pior: apenas mudam as características de cada uma. Existem situações em que uma rede de laços fracos pode alcançar um objetivo que uma rede de laços fortes não conseguiria.

Em seguida, foi escolhido o aspecto da comunicação que este trabalho iria abordar. Seguindo a perspectiva inicial do trabalho de Lasswell, que divide o processo comunicativo em emissor, mensagem, canal, destinatário e efeito, esta pesquisa objetivou se deter no estudo dos canais de comunicação. Sem ignorar as outras variáveis do processo de comunicação, nos concentramos no estudo dos

meios em si. Não se pode desconsiderar o emissor numa comunicação, pois, sem ele, ela não ocorrerá.

No âmbito do estudo da mídia, foi escolhida, como base a teoria dos meios de Marshall McLuhan, que defende que cada mudança de meio reconfigura como a cognição humana interage com a informação. A TV adiciona outra experiência ao rádio, apesar de, como pontua o próprio McLuhan, existir uma acumulação de mídias para cada nova mídia inventada. A TV acumula o rádio, que por sua vez acumula a oralidade, e assim segue. Essa lógica serve muito bem para explicar o hipertexto e a hipermídia, que suportam as redes sociais *on-line*.

O *blog* foi selecionado como rede de análise. O peculiar dessa escolha se dá no fato de o *blog*, em si, não ser uma ferramenta para comunidades. As comunidades surgem dos leitores e blogueiros que lêem seus *blogs* entre si, comentam e criam *links* no seu *blogroll* -- coluna de *blogs* que o blogueiro lê. O *blog* é, em sua essência, uma ferramenta de publicação, não tendo um uso predeterminado. Pode ser usado tanto para diários pessoais, quanto para o jornalismo, por exemplo.

Para mapear as redes de *blogs*, foram escolhidas seis temáticas que representassem um universo do conteúdo disponível *on-line* nos *blogs*. Foram escolhidas as temáticas de Sexo, Política, Religião, Tecnologia, Futebol e o Diário Pessoal. Para cada temática, foi selecionado um *blog*. A partir desse *blog* inicial, foram mapeados seus *links* para outros *blogs* e os *links* destes outros *blogs* para os seguintes.

Através da ferramenta de análise visual das redes *Netdraw*, foram construídas e analisadas as redes de cada um dos *blogs*. Foi proposta uma tipologia das tríades para a análise deste trabalho. No total, foram delimitados treze padrões de tríades; seis modelos de tríades abertas e sete com tríades fechadas. Cada tríade possuía atributos peculiares que poderiam gerar diferentes formas de tramitação de informação. Assim, foram analisadas de acordo com três propriedades: Fluxo (se possuíam Componente Forte -- uma corrente de informação -- ou Fraco, uma quebra do fluxo); Força dos Laços Fracos (ou SWT, quando um ponto distante usa outro para fornecer ou conseguir informações); e Reciprocidade (a capacidade de uma rede compartilhar suas informações entre todos os pontos). A quantificação

destes parâmetros não implica um resultado melhor ou pior para a comunicação. Cada parâmetro oferece um tipo de relação que pode ser utilizado em situações diferentes.

Em seguida, foi analisada a interconectividade entre as redes. Nenhum dos *blogs* escolhidos possuíam um vínculo direto entre eles, no entanto todas as redes acabaram possuindo vínculos em comum. Esses vínculos não são sempre iguais; possuem também características de direção: a partir deles uma rede pode passar para a outra, mas a recíproca nem sempre se torna verdadeira. Um resultado interessante foi que alguns *blogs* comuns a duas redes não permitem, no entanto, um fluxo entre elas. Seria um ponto de junção das duas estruturas, mas terminal. Não seria possível transitar entre cada uma das redes.

Por fim, foi feita uma rede das redes dos *blogs* analisados, na qual cada uma era representada por um círculo e suas relações por vetores. Este gráfico final representa quão interconectadas estão as redes em relação às outras. Assim, a análise que começou com um *blog* pode potencialmente ser expandida e cruzar entre redes de centenas de *blogs*.

Uma das conclusões deste trabalho é que nem todo tipo de conexão favorece um fluxo maior de informação. Não gerar fluxo, entretanto, cria uma oportunidade para a comunicação: perceber como as redes se organizam para um determinado fim de comunicação seria uma preocupação do pesquisador que verte para o estudo das redes. Confirma-se, então, a máxima de McLuhan ([1946]2002) a partir da qual cada nova forma de conexão cria uma nova possibilidade de experiência e cognição para o ser humano.

Outra percepção deste estudo está na interconectividade das redes, que não é necessariamente comunitária (compartilhada). Pode se configurar, muitas vezes excludente. Claro que um fator que proporcionou isso foi a escolha do tamanho da análise em três níveis, pois certamente um nível a mais a partir do primeiro aumentaria a interconexão, mas também poderia continuar excluindo.

Por fim, a possibilidade de reverter o fluxo de informação para saber as origens de um fato pode surgir como uma possibilidade de estudo dos impactos da comunicação *on-line*, especialmente as que usam a lógica de rede.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa começou a partir da vontade de analisar várias redes sociais de modos diferentes e suas inter-relações. No entanto, devido à limitação tecnológica, foi reduzida a apenas um elemento, mas com seis temáticas diferentes. A abordagem de mais de uma forma de mídia (*blog, Orkut, RPGs on-line, lista de e-mail...*) pode contribuir para entender as relações entre cada uma delas e se há algum elemento comum ou não nesta relação. O dilema é que a representação gráfica de uma rede com mais de dezesseis mil pessoas -- como as encontradas no *Orkut*, por exemplo -- ficariam muito comprometidas, até mesmo nos computadores que as gerassem. As linhas seriam muito próximas, os pontos se cobririam e, para fazer uma análise estatística, seria necessário fazer um programa específico para suportar um tamanho tão grande de elementos.

Nas redes analisadas, muitas conclusões de fim de rede ou de fechamento do fluxo de comunicação podem ser ocasionadas pela escolha do tamanho da rede. Escolher apenas três níveis (raiz → subnível 1 → subnível 2) cria um final determinado para certas configurações que provavelmente continuariam. Mas aumentar um nível nesta análise representa um crescimento exponencial da rede. Isso justifica a análise.

Outro caminho para a pesquisa seria o encadeamento dos padrões de tríades apresentados neste trabalho. Além de ter um átomo da rede, poder-se-ia criar cadeias de pequenas redes e, assim, definir melhor uma relação de um grupo. Devido à profusão de pontos da rede, esta análise se torna difícil, mas deve ser trabalhada em algum outro momento, de preferência com um *software* que, automaticamente, indique esses padrões.

Por fim, as definições de audiência poderiam ser mais bem representadas se na amostra fosse possível instalar ferramentas de controles precisas em relação à leitura dos usuários. Determinar quem realmente veio, quantas vezes e para onde foi seria um passo enorme para a comunicação. Isso exigiria a união de uma rede orgânica de pessoas com um *software* de controle muito específico, que, em muitos casos, os utilizadores dos *blogs* nem conhecem ou não se esforçariam para usar. A amostra correria o risco de se tornar por demais artificial. No entanto, seriam verdadeiramente dados importantes para a ciência da comunicação.

6. Bibliografia

BORGATTI, S.P. 2002. *NetDraw: Graph Visualization Software*. Harvard: Analytic Technologies.

BOLTER, Jay David. 2000. *Writing Space: Computers, Hypertext, and the Remediation of Print*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

CASTELLS, Manuel. 1999. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

COOK, James M. 2001. "Social networks: a primer". Publicado em 06/01/2001. Acessado em 14/01/2006. Disponível em: <http://www.soc.duke.edu/~jcook/networks.html>

CROSS, Rob; BORGATTI, Stephen P.; PARKER, Andrew. 2004. *6 Making Invisible Work Visible: Using Social Network Analysis to Support Strategic Collaboration*. *Creating Value with Knowledge: Insights from the IBM Institute for Business Value*. Ed. Eric Lesser and Laurence Prusak. New York: Oxford University Press.

CUNHA, Paulo ; LEMOS, André. 2003. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.

CZITROM, Daniel J. 1982. *Media and the American Mind: From Morse to McLuhan*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. 1993. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS ON-LINE NOS BLOGS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

EMIRBAYER, Mustafa; GOODWIN, Jeff. 1994. *Network Analysis, culture, and the problem of agency*. Chicago, EUA: American Journal of Sociology, Vol. 99, n.6 (maio) p1411-1454.

FIELDING, R., GETTYS, J., MOGUL, J., FRYSTYK, H., and BERNERS-LEE, T. 1997. *Hypertext Transfer Protocol -- HTTP/1.1*. RFC 2068, Janeiro 1997. Acessado em 15/01/2006. <<http://www.ietf.org/rfc/rfc2616.txt>>

GRANOVETTER, Mark. 1973. *The Strength of Weak Ties*. Chicago, EUA: American Journal of Sociology, 78 (maio) p1360-1380.

_____.1983. *The Strength of Weak Ties: a network theory revisited*. Washington DC, EUA: Sociological Theory, Vol.1 p201-233.

Huisman, Mark; VAN DUJIN, Marijtje A.J. 2003. *Software for social network analysis*. Artigo on-line disponível em http://stat.gamma.rug.nl/snijders/Software%20for%20Social%20Network%20Analysis%20CUP_ch13_Oct2003.pdf. Acessado em 15/01/2006.

LANDOW, George P. 1997. *Hypertext 2.0*. Baltimore, EUA: Johns Hopkins Univ. press.

LEVINSON, Paul. 1999. *Digital McLuhan: A Guide to the Information Millennium*. New York: Routledge.

MARTELETO, Regina Maria. 2001. *Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação*. In Revista Ciência da Informação, v. 30(n. 1) pags 71-81, Ibict - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

MCLUHAN, Marshall. 1962. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

_____. 2002. "Os meios de comunicação como extensões do homem". São Paulo: Cultrix.

MUGGLETON, David; RUPERT, Weinzierl, (eds). 2003. *The Post-Subcultures Reader*. New York: Berg.

POSTEL, J. 1981. "Transmission Control Protocol", STD 7, RFC 793, Setembro 1981. Acessado em 15/01/2006. <<http://www.ietf.org/rfc/rfc793.txt>>

RECUERO, Raquel da Cunha. 2003. Warblogs: Os Blogs , a Guerra no Iraque e o Jornalismo Online. Acessado em 01/fev/2005. <http://pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf>

_____. 2003. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. In 404nOtF0und, ANO 3, VOL 1, N. 31 · agosto/2003. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_31.htm>

RHEINGOLD, Howard. 1993. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. New York: Addison-Wesley pub.

_____. 2000. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*, revised edition. Cambridge: The MIT Press.

_____. 1999. *Virtual Community; Another Metaphor*. Whole Earth Fall 1999: 18.

RICHARDSON, R. Jack; WELLMAN, Barry. 1985. *Structural Analysis*. Canadian Review of Sociology and Anthropology 22.5.

SANT'ANNA, Armando. 1998. *Propaganda: teoria, técnica e prática*. São Paulo: Thomson Pioneira.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
AS REDES SOCIAIS *ON-LINE* NOS *BLOGS* E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. 1998. *The mathematical theory of communication*. Urbana ; Chicago: University of Illinois Press.

TINDALL, D.B.; WELLMAN, Barry.2001. *Canada as Social Structure: Social Network Analysis and Canadian Sociology*. Canadian Journal of Sociology 26.3.

WELLMAN, Barry, et al. 1996. Computer Networks as Social Networks: Collaborative Work, Telework, and Virtual Community. Annual Review of Sociology 1996.

WHITTAKER, Jason. 2004. *The Cyberspace Handbook*. London: Routledge.

WOLF, Mauro. 2003. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Portugal: Presença.